



THE
POCKET WATCH
CHRONICLES

The Christmas Present



CECI
GILTENAN



O PRESENTE DE NATAL

CECI GILTENAN

(Série Crônica do Relógio de bolso 3.5)



Leccia, M Luana, Elaine Chagas, Lelly Diniz



SINOPSE

Diante de um ninho vazio, e com o coração partido, é dada a Anita Lewis a oportunidade de experimentar o natal em outra época, com a ajuda de uma velha senhora misteriosa e um relógio de bolso.

O presente que ela recebe é inestimável quando ela redescobre a magia do Natal no passado.

“A Crônica do Relógio de bolso, enquanto relacionadas, são todos livros isolados”

DEDICATÓRIA

Para minha amada filha Meghan, que perguntou se eu era uma viajante do tempo – apenas o tempo vai contar a minha doce menina. Obrigada por sempre me fazer rir. Eu te amo e estou torcendo por grandes coisas virem.

E como sempre, meu querido Eamon.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a todos os meus beta-readers: Pat, Anne, K Elizabeth, Virginia, Barb e Ann. Eu não tenho como dizer o quanto eu valorizo o seu tempo e feedback.

Um agradecimento especial as minhas irmãs do coração, Kathryn Lynn Davis e Lily Baldwin. Seu apoio e discernimento são preciosos para mim.

E, finalmente, obrigado ao meu editor, John Robin. Seu olho para o detalhe é notável.

Coragem não é simplesmente uma das virtudes, mas a forma de todas as virtudes na hora da provação.

~ CS Lewis

Capítulo 1

Terça-feira, 23 dezembro, 2008

Nona Bay, Florida.

Anita Lewis estava quase terminando de fazer os cookies. Fizera o favorito para todos. Seu marido, Jim, amava as de noz-pecã. Katy, sua filha, gostava dos cookies de manteiga de amendoim. Seu filho, Jack, era um fã das geleias com impressões digitais, desde que ele era um bebê. Sua esposa adorava as barras de caramelo de Anita. E todos queriam os cookies com gotas de chocolate. Anita estava tirando a última bandeja de cookies de açúcar, seu favorito, do forno, quando o telefone tocou. A voz automatizada do identificador de chamadas anunciou: Katy Lewis.

Ela sorriu, colocou a bandeja de cookies em um tripé para esfriar, desligou o forno e atendeu o telefone.

— Oi, Katy, o que foi?

— Oi, mãe.

— Você já fez as malas e está pronta? Eu não posso esperar para vê-la esta noite.

— Bem, eu estou com malas prontas, mas eu tenho uma pergunta para você.

— Atire.

— Em uma escala de um a dez, onde um é Publix¹ ficando sem berinjelas...

— Eu odeio berinjela.

— Eu sei, mãe. Essa é a questão.

Ela riu.

— Desculpe, continue.

— Ok, então em uma escala de um a dez, onde um é Publix ficando sem berinjelas e dez é a Coreia do Norte acabando de bombardear Nova York, quão triste você ficaria por eu atrasar meu voo?

¹ Nota da Tradutora: Publix é uma rede de supermercados americana, sediada em Lakeland, Flórida, e fundada em 1930.

Anita fez uma careta.

— Até amanhã? Você sabe o trânsito na véspera de Natal pode ser um pouco louco. Quanto mais cedo você chegar aqui, melhor.

— Hum... eu também não estaria voando amanhã. Provavelmente na noite de dia de Natal, ou no dia seguinte, o mais tardar.

Anita ficou em silêncio por um momento.

Nove! Nessa escala é um nove.

— Eu preferiria que você voasse hoje à noite. Sabe, Jack e sua família não estará aqui até o dia de Natal. — Era o primeiro Natal desde que nasceram que um de seus filhos não iria estar em casa na véspera de Natal.

Jack tinha deixado cair à bomba em novembro.

— Mãe, você sabe que Erica e eu vamos para aí todo o Natal desde que nos casamos. Os Hales nunca reclamam, mas eu sei que os incomoda.

— Por que deveria incomodá-los? Você vive há dez minutos. Eles podem ver a sua filha e netas praticamente a qualquer hora. Eles têm todos os aniversários, Páscoa, Ação de Graças, Dia das Bruxas, todas as férias. Você não pode vir aqui a qualquer momento.

— Eu sei mãe, e nós vamos. É só, eu pensei que ia voar no dia de Natal. É apenas um dia depois. Dessa forma, podemos comemorar com ambas as famílias. Além disso, a passagem aérea é um pouco mais barata no dia de Natal do que é na véspera de Natal. Também será muito mais fácil não ter que transportar todos os presentes do Papai Noel e os nossos presentes de um para o outro, só para ter que trazê-los e ainda mais, de volta para cá.

Era certamente uma verdade. Anita não ficara feliz com isso, mas era apenas um dia mais tarde. Todos teriam o jantar de Natal juntos. É que ela amava mais a véspera de Natal. Eles tinham tradições. Ela havia se consolado com o fato de que, ao menos, Katy estaria aqui.

Agora parecia que ela não estaria ali até o vigésimo sexto dia.

— Por que você tem que adiar seu voo, Katy?

— Eu não *tenho*, mãe. Eu estou apenas considerando-o.

— Mas, por quê?

— É Tony. Tivemos uma briga muito feia há alguns dias.

Por tudo que era santo, se ela estava prestes a dizer que queria passar o Natal com o namorado, Anita iria explodir em lágrimas.

— Sinto muito por ouvir isso, mas eu não vejo o que isso tem a ver com você pegar seu voo de hoje.

— Mãe, nas últimas semanas ele tem falado sobre o futuro. Você sabe, coisas como comprar uma casa em uma área agradável com boas escolas. Como estivéssemos planejando nos casar e ter filhos.

— Mas ele não lhe pediu para casar com ele.

— É exatamente isso. Ele me pediu na sexta-feira à noite.

Anita não esperava ouvir isso. Não era como se ela não gostasse de Tony. Não, ela tinha sido completamente encantada por Tony Soldani na primeira vez que o conheceu, quando ele e Katy a visitaram em agosto. Katy só o conhecia a um par de meses, mas eles pareciam ter sido feitos um para o outro.

Não foi até que ela e Jim se encontrassem com Katy e Tony no Epcot, para um longo fim de semana em outubro que Anita começou a se preocupar. Ela havia perguntado a Katy algo sobre seus pais. Katy disse que não tinha conhecido eles ainda. O comentário dela foi muito casual, mas Anita tinha visto um *flash* de dor nos olhos da filha. Anita não disse mais nada, mas mais tarde, quando estavam sozinhas ela perguntou a Katy sobre isso.

— Mãe, eu não sei o que pensar. Tony é de Nova Jersey e tem a clássica e grande família italiana, quatro irmãos e uma irmã, toneladas de tias, tios e primos. Todos eles parecem ser muito próximos, ele fala com sua família o tempo todo, mas ele nunca me convidou para conhecê-los.

— Talvez não tenha havido uma boa oportunidade. Você disse que ele tem estado muito ocupado com o trabalho.

— Sim, ele tem, mas ele foi visitá-los. Ele só não me convidou. Aniversários é uma espécie de um grande negócio em sua família. O aniversário de seu irmão Nick foi em agosto. Nós estávamos namorando há quase dois meses e tínhamos feito planos para vir até aqui juntos, mas ele não me levou para conhecer seus pais naquele fim de semana. Em seguida, o aniversário de seu irmão Luke foi à semana passada e eu ainda não fui

convidada. Eu não entendo isso, mas eu só posso pensar que ele não está me levando tão sério quanto eu pensava.

O coração de Anita se quebrou por Katy. Ela sabia que sua filha tinha se apaixonado por Tony e a percepção de que ele não sentia o mesmo por ela doeu seu coração.

Anita sacudiu a cabeça. Ela não tinha certeza do que dizer agora. Se era confuso para ela, ele deve ter Katy ferida.

— Em outubro você pensou que as coisas não eram sérias, então você veio sozinha para a Ação de Graças.

— Eu sei mãe, mas eu realmente gostava dele e eu queria continuar saindo com ele, pelo menos por mais algum tempo, mas eu realmente não achava que estávamos indo a qualquer lugar. É por isso que fiquei surpresa quando ele começou a falar sobre o futuro. Quando ele me pediu em casamento na noite de domingo, eu estava atordoada. Especialmente considerando o fato de que ele tinha ido para casa na sexta à noite para celebrar o aniversário de sua irmã mais nova, e não tinha me convidado para ir com ele. Eu estava tão chateada com isso que no momento em que o vi na noite de domingo, eu pretendia acabar com isso. E ele se levanta e me pede para casar com ele.

— O que você disse para ele?

— Eu disse não.

— Oh, Katy.

— Ele ficou chocado, quero dizer completamente atordoado. Ele parecia realmente ferido. Ele me perguntou por que, e eu lhe disse que não achava que era uma boa ideia se casar com um homem, sem nunca ter conhecido sua família. Eu disse que tinha dado a ele várias oportunidades de conhecer você e meu pai, e tivemos de ir para a Flórida para isso. Além disso, nós fomos jantar muitas vezes com Jack e Erica, mas ele nunca me pediu para fazer a viagem de duas horas e meia de carro para conhecer sua família. Eu disse que eu percebi que ele tinha vergonha de mim ou algo assim e eu não preciso disso.

— Ai.

— Eu sei, mãe. Ele disse: “Deus, Katy, como você poderia pensar isso? Eu te amo.” Ele tentou explicar que as famílias italianas são diferentes

e ele estava preocupado se eu seria sobrecarregada. Ele disse que sua família, especialmente sua mãe, pode ser intimidante às vezes. Ele disse, “É apenas a maneira como eles são, e eu os amo, mas eu não queria que eles lhe assustassem e lhe fizessem fugir” Ele não tinha dito a eles sobre mim ainda e não queria fazer até que ele tivesse certeza de que eu ia casar com ele.

— Isso parece bom...

— Eu sei, não é? Eu não sabia o que pensar e eu estava zangada demais para ser racional. Eu disse a ele que ele tinha sido tolo e que ele poderia querer reconsiderar essa abordagem com a sua próxima namorada

— Oh, Katy, você não fez.

— Eu fiz.

— Sinto muito, querida. Mas, se você terminou com ele, porque você não está vindo para casa?

— Ele veio me ver na noite passada. Ele tinha duas dúzias de rosas e me pediu para ouvi-lo. Nós conversamos por horas e eu acho que entendo isso agora. Mas a coisa é, que ele quer me levar para casa agora, hoje. Ele quer que eu os conheça e passe o Natal com eles. Em seguida, ele quer me pedir para casar com ele novamente. Eu... Mãe, eu realmente o amo.

Anita queria estar com raiva. Ela queria dizer, *Tony sabia que você estava planejando vir para cá, ele pode esperar até que você volte*, mas ela não podia. Lembrou-se de como era ser jovem e apaixonada e das brigas. Todos os casais brigam. O trabalho do casamento era amar um ao outro, mesmo nas brigas e resolver os problemas. E quanto mais rápido um problema era abordado, mais fácil era para curar.

— Eu sei que você o ama, Katy. E eu acho que ele é um bom homem, mesmo que tivesse sido melhor abordar a questão da sua família mais cedo.

— Ele estava com medo de me perder.

— E isso é um medo saudável. Ele precisa valorizar e adorar você.

— Então... Publix está sem berinjelas?

Anita riu.

— Mais como Publix está sem o meu sabor favorito de sorvete, mas eles vão tê-lo novamente em alguns dias.

- Obrigada, mãe. Eu te amo.
- Eu também te amo, Katy.
- Eu te ligo amanhã à noite.
- Ótimo. Eu vou falar com você depois.

Anita desligou o telefone. Ela ficou olhando ao redor. Tudo estava pronto. As árvores foram decoradas, presentes embrulhados, bolinhos cozidos. Ela ainda conseguira mandar os cartões de Natal pelo correio esta manhã. Eles não chegariam até o Natal, mas teria que servir. Alguns anos ela estava tão atrasada, que ela não os enviava. Era uma das primeiras vezes em sua memória que ela estava completamente pronta para o Natal. A única coisa que faltava era sua família. Seu ninho estava vazio.

Ela desfez-se em lágrimas. Ela entendia. Ela realmente o fazia. Mas não a impediu de sentir pena de si mesma e se desfazer em auto piedade por alguns minutos.

Ela mal tinha conseguido recuperar o controle quando seu marido ligou.

- Oi, Jim.
- Oi, querida. Nada de novo aí hoje? Alguém ligou?
- Isso foi o suficiente. Ela começou a chorar novamente.
- Katy ligou.
- O que está errado, aconteceu alguma coisa?
- Ela está bem. — Anita se recompôs para explicar o que tinha acontecido.

Quando ela terminou, Jim disse:

- Eu acho que eu entendo as suas razões.
- Você acha?

— Sim. Se houvesse alguém ou alguma coisa na minha vida que eu pensasse que poderia ter te empurrado para longe, eu muito bem poderia ter evitado isso até eu estar absolutamente certo de que você era minha.

— Sério? — Essas palavras a surpreendeu. Mas a ideia de que Jim nunca tinha sido inseguro de si mesmo e seu amor por ele era doce e tocante.

- Sério.

— A Noite de Natal não será o mesmo sem as crianças aqui. — Sua voz vacilou, à beira das lágrimas novamente. — Natal pode nunca mais voltar a ser o mesmo.

— Anita, você está chateada com nada. Eles estão crescendo. Estamos envelhecendo. Estava escrito para acontecer. Todos eles vão estar aqui em poucos dias.

Ela o amava, mas ele era tão homem às vezes. Ela não estava chateada com nada, mas não havia ponto em discutir.

— Escute, eu liguei porque eu vou chegar tarde esta noite. Hoje foi uma enorme confusão. Se nós não resolvermos esta noite, todos nós vamos estar trabalhando até tarde amanhã também.

— Devo planejar o jantar para mais tarde? Sete?

— Não me espere para o jantar.

Ela suspirou, desapontada. Ela não queria passar esta noite sozinha, pensando em quão sozinha ela estava.

— Bem. Eu provavelmente vou ao shopping pegar algumas coisas de última hora. Talvez eu coma alguma coisa por lá.

— Isso soa como um plano. Vejo você mais tarde. Te amo.

— Também te amo. Tchau.

Capítulo 2

Mais tarde naquele dia...

Sandy Cove Shopping

Nona Bay, Florida.

Anita Lewis estava sentada em uma mesa na praça de alimentação, olhando melancolicamente seu prato vazio de sorvete. *Eu não deveria ter comido isso. Não me fez sentir melhor.* Ela suspirou.

— Agora, em vez de apenas deprimida, eu me sinto gorda... e deprimida. Bem feito, Anita.

— O que é isso querida?

Anita olhou para cima. Uma mulher idosa bem-vestida estava perto de sua mesa com um copo descartável de alguma bebida quente na mão. Anita não tinha notado a mulher antes.

— Perdoe-me? Será que você me perguntou alguma coisa?

A mulher idosa sorriu.

— Me chamo Gertrude. Você se importa se eu sentar com você para beber o chá? Está bastante lotado aqui hoje.

— Por favor, faça.

Gertrude falou com um rico sotaque escocês que Anita poderia escutar durante todo o dia.

Quando a mulher tinha se acomodado, ela sorriu para Anita.

— Agora, quando eu estava passando, achei que você disse algo para mim e eu não cheguei a ouvi-lo.

Anita sacudiu a cabeça.

— Não, eu estava apenas falando sozinha. Não é importante.

Gertrude inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse medindo Anita.

— Agora, você entende, eu acho que poderia ter sido importante. Coisas que se falam em voz alta normalmente são, quer percebamos ou não.

— Acredite em mim, era completamente insignificante. Estou simplesmente lamentando o sorvete que eu comi.

— E por que isto? Não gostou dele? Não estava bom?

Anita riu.

— Não, era muito bom. É o meu favorito, na verdade. Tecnicamente, creme congelado² e eu absolutamente amo creme congelado. Clive faz o melhor na área. Na verdade, é um dos melhores que já comi.

— Então por que diabos você se arrependeria de desfrutar de um copo dele?

Anita olhou para si mesma. Não era óbvio? A última coisa que ela precisava era de mais algumas calorias. Ela tinha cinquenta e oito anos e sua calça Capri com cintura elástica tinha passado o nível de “calças da mamãe” e aterrissado diretamente no reino das “calças da vovó”. Ela tinha escolhido a larga camisa de Natal para camuflar sua barriga e coxas rechonchudas, mas ela sabia que não estava enganando ninguém. Ainda assim, com tudo o que tinha acontecido, ela não iria dizer a essa estranha elegante a respeito de seu relacionamento de amor e ódio com a comida.

— É difícil de explicar.

A mulher estreitou os olhos.

— Talvez eu possa explicar. Algo está incomodando você. Veio ao shopping para fazer algumas compras de última hora, esperando que a música de Natal e decorações fossem animá-la, mas não funcionou. Você está, de fato, sentindo-se ainda pior agora. E, além disso, tem passado a última hora pensando apenas no “será que devo?”.

— Desculpe? O que você disse?

— Você me ouviu corretamente. Eu disse que você está pensando em “será que devo”. *Deveria*. “Eu *deveria* estar feliz, todo mundo está”, “Eu *deveria* ter mais espírito de Natal”, “Eu *deveria* ter enviado meus cartões anteriormente”, “Eu *deveria* ter esquecido o creme congelado”, “Eu *deveria* ser uma melhor...” Bem qualquer número de coisas, esposa, mãe, filha, amiga, preencha o espaço em branco você mesma.

Anita piscou. Lágrimas brotaram nos olhos dela. Ela não podia falar.

Gertrude se inclinou para frente, tomando as mãos de Anita nas dela. Seu toque era quente e reconfortante.

² Nota da tradutora: Frozen custard – Traduzido como Creme congelado – Sobremesa fria semelhante ao sorvete. Diferente do sorvete é feita com ovos, creme e açúcar. Normalmente é mantido em temperaturas mais altas que o sorvete, e normalmente tem uma consistência mais densa.

— Essas lágrimas me dizem que eu estou certa, e elas estão dizendo-lhe quão prejudicial é pensar no que você “deveria”.

— Mas é tudo verdade.

— Não, não é. — A voz de Gertrude era severa, quase com raiva. — Você tem estado feliz casada com seu marido por trinta e dois anos. Você resistiu a tempestades juntos e saiu mais forte. Você tem dois filhos que são um crédito para ambos. Você os criou bem e eles enriqueceram este mundo por causa disso. Se preocupar com o tempo de seus cartões de Natal é sem importância. Seus verdadeiros amigos vão gostar de ouvir de você se o cartão chegar antes do Natal ou em fevereiro, e eles são os únicos que importam. Ama creme congelado e você não o tem muitas vezes. Porque diabos você escureceu o prazer de desfrutar de um tratamento que adora empilhando culpa em cima dele? Você é uma mulher bonita, assim como é. Por que diz o contrário?

Um nó surgiu na garganta de Anita e ela não queria encontrar os olhos de Gertrude.

A velha senhora continuou.

— Eu vou dizer-lhe por que. Porque algo a fez triste e como tantas pessoas, quando triste, todos seus medos e dúvidas vem à superfície, fazendo-a sentir-se pior. Então me diga o que está pesando tão forte em seu coração, Anita?

— É bobagem... espere, como você sabe meu nome? Eu não lhe disse isso. E como é que você sabe essas outras coisas, sobre o meu marido e filhos?

Gertrude sorriu.

— É um dom. Eu sei tudo o que preciso saber sobre você, quando eu preciso saber isso.

Anita não sabia por que ela acreditava na velha, mas o calor fluía dela e Anita estava subitamente confiante de que isso era verdade. Ainda assim, ela não podia deixar de perguntar:

— Se você sabe tanto sobre mim, então por que você não sabe o que está me incomodando?

Gertrude sorriu com indulgência.

— Eu sei o que está lhe incomodando. Mas eu não tenho certeza do que você fez, ou pelo menos não admitiu para si ainda. Então me conte. Diga. Coloca-o em palavras.

O queixo de Anita tremeu.

— Nada está dando certo e o Natal está arruinado.

Em vez de discutir com ela, Gertrude sorriu.

— Pronto você disse. O Natal está arruinado. E, digamos a verdade, você se sente culpada por sentir isso, muito mais em dizê-lo.

Anita assentiu, não confiando em si mesma para falar.

— Então, agora que você colocou para fora, me diga por que o Natal está arruinado.

Anita suspirou e começou o conto.

Quando ela terminou, Gertrude sorriu para ela.

— Então, aí está você se dizendo que “*deveria*” novamente.

— Eu não disse...

— Eu sei o que não disse, mas pensou. Você pensou “Meus filhos são adultos e ambos fizeram práticas e amorosas escolhas que resultaram neles não estando aqui na véspera de Natal. Eu não *deveria* estar irritada ou decepcionada por isso, mas eu estou.”.

Anita sorriu fracamente.

— Bom, é verdade. Você disse isso, eu criei bons filhos. Não tenho o direito de estar desapontada quando provam isso.

— Você está errada. Você tem o direito de sentir o que sente. Você apoiou nas decisões deles, não foi?

— Sim.

— Excelente. Isso não significa que não pode sentir decepção também.

— Mas, eu temo que o Natal nunca mais será o mesmo novamente.

— Oh, minha querida menina, a mudança nem sempre é ruim. As coisas evoluem. A maioria dos bebês deixam o calor e a tranquilidade do ventre de sua mãe, chutando e gritando. O mundo lá fora é estranho e frio. Suas vidas mudam em um instante e eles não gostam disso. No entanto, depois de terem experimentado a vida, eu duvido que existam muitas pessoas que optam por voltar para o ventre.

Anita suspirou.

— Eu vejo seu ponto. Eu só queria que as coisas fossem diferentes. Gostaria que o mundo não fosse tão grande. Eu gostaria que meus filhos tivessem encontrado empregos mais perto de casa.

Gertrude inclinou a cabeça.

— Alguns dizem que a tecnologia é tanta que o mundo se torna cada vez menor.

— Ele não parece pequeno para mim. Houve um tempo em que as crianças se estabeleciam na mesma cidade, às vezes na mesma casa em que cresceram. A vida girava em torno de uma enorme família. Parece que a família do namorado de Katy ainda é assim.

— Muitas vezes queremos o que não podemos ter e não conseguimos ver os presentes que nos foi dado.

— Se ficar sozinha na véspera de Natal é um presente, onde posso devolvê-lo?

Gertrude riu.

— Quer devolver um presente sem tentá-lo?

Anita não estava pronta para olhar o lado bom de tudo aquilo.

— Eu deveria.

Gertrude riu novamente.

— Talvez eu possa ajudá-la a corrigir o Natal.

— É muito doce de sua parte, mas você não pode. Quer dizer, mesmo se você tivesse o poder de trazer meus filhos aqui até amanhã à noite, eu já te disse, eu compreendo e apoio as suas escolhas. Estou apenas desapontada. Eu não gostaria de mudar as suas mentes ou planos.

— Não é a mente ou planos o que pretendo mudar.

Anita sorriu.

— Você pode tentar, mas eu acho que nada vai fazer isso melhor. É apenas algo para ser suportado.

— Entendo. Bem, Anita, por vezes, a perspectiva é tudo. Feche os olhos.

— O quê?

— Vá em frente, feche os olhos. Quero mostrar-lhe uma coisa.

Anita deu de ombros e fechou os olhos. Ela ouviu como Gertrude remexeu na bolsa.

— Ah, aqui está. Agora abra os olhos.

Gertrude segurava uma bola de árvore de Natal de cor prata, cercada por uma fita vermelha amarrada em um laço no topo da bola.

— O que é isso?

— Um ornamento da árvore de Natal.

— Que cor é essa?

— Prata.

— Eu acredito que é o ouro.

— Sinto muito Gertrude, é claramente prata.

— Você está absolutamente certa?

— Sim, é de prata com uma fita vermelha.

Gertrude girou a esfera noventa graus.

— É prata somente na sua perspectiva. — A outra metade era, de fato, ouro. Ela sorriu. — Quando alguém muda sua perspectiva... olha algo de um ângulo diferente... eles podem vê-lo de forma diferente. Você veio ao shopping hoje, na esperança de ver as coisas que lhe faria feliz. Mas em vez disso, tem intensificado a tristeza que está sentindo. Talvez seja porque não pode ver de outra perspectiva.

— Eu não tenho certeza de que há outra perspectiva.

Gertrude sorriu com indulgência.

— Claro que há. Há sempre outra perspectiva. Vê a menina que trabalha no caixa da Clive?

Anita assentiu.

— Ela tem que trabalhar até o fechamento de amanhã.

— Pobre menina.

— Isso é apenas de sua perspectiva. Ela está feliz em trabalhar amanhã. Este é o seu primeiro emprego. É a primeira vez que ela ganha seu próprio dinheiro. É apenas um salário mínimo, e ela é uma estudante, de modo que ela não pode trabalhar muitas horas. No entanto, o dinheiro que ganha é dela. Ela passou esta temporada comprando presentes para todos em sua família com seu próprio dinheiro. Ela nunca foi capaz de fazer isso, e ela está muito orgulhosa e animada com isto. Sim, ela tem que trabalhar

na véspera de Natal, mas ela é grata por seu trabalho e pela renda modesta que lhe traz. Ela considera um pequeno sacrifício.

— Isso é lindo. — Anita não tinha certeza de como Gertrude sabia disso. Talvez ela soubesse quem era a menina ou tinha conversado com ela. Gertrude parecia ser o tipo falador.

— Sim. Perspectiva. Agora, vê as três mulheres na mesa atrás de mim? Uma mulher mais velha e suas duas filhas conversando alegremente?

— Sim. — Anita teve dificuldade em manter o tom melancólico longe de sua voz.

— Esta é a primeira vez em quinze anos que, ambas as suas filhas vieram para cá ao mesmo tempo para celebrar o Natal com ela.

A testa de Anita se enrugou.

Gertrude assentiu.

— Uma vem em um ano e a outra no próximo. Todos esses anos, esta era a sua maneira de ter certeza de que seus pais sempre tinham alguns membros da família visitando-os durante as férias. Elas também pensam que ter todos os membros da família de uma vez iria deixar a casa lotada e criar muito trabalho para sua mãe. De sua perspectiva esta foi à solução perfeita. Sua mãe, literalmente, teve que implorar para convencer as duas a virem ao mesmo tempo.

— Eu acho que eu entendo seu raciocínio, mas ainda assim, é uma tristeza. — Anita se perguntou como Gertrude poderia saber isso. Elas deveriam ser amigas.

— Sim, é. Mas o que a sua mãe não lhes disse é que ela foi diagnosticada com um câncer agressivo.

A mão de Anita voou para a sua boca.

— Ah, pobre mulher.

— Ela acredita, e ela tem razão, que este é seu último Natal aqui. Ela não lhes disse isso. Ela não quer estragar o Natal delas com o peso desta notícia. Mas ela também não quer que o próximo ano venha e uma delas se sinta culpada por ter perdido a oportunidade de um último Natal com sua mãe.

Anita estava sem palavras.

Gertrude sorriu.

— Mais uma vez, a perspectiva. Ela não se preocupa com o que está por vir, ou range os dentes sobre a injustiça de câncer. Ela decidiu dar as suas meninas e suas famílias um inestimável presente: memórias de um Natal feliz. Ela prometeu simplesmente saborear cada minuto possível e está aproveitando, talvez, o mais maravilhoso Natal de sua vida.

Anita olhou para a mulher novamente. Na verdade, seu rosto estava envolto em sorrisos e ela parecia muito feliz.

— Perspectiva certamente muda a percepção.

— Sim, muda.

Anita sorriu.

— Você estava certa, mudar a minha perspectiva ajuda. Não torna fácil, mas ajuda. Obrigada por me lembrar disso.

Gertrude acenou com a mão.

— O prazer é meu. — Ela tomou um gole de chá. — Então, Anita, o que faria se soubesse, com certeza, que este seria seu último Natal na Terra? Sabendo que nada pode mudar os planos estabelecidos.

Anita fez uma careta.

— É isso?

— Eu duvido, mas eu não sei ao certo. Como eu disse a você, eu sei o que eu preciso saber, quando eu preciso sabê-lo.

— Eu acho que se eu soubesse que este seria meu último Natal, eu faria o que a senhora na mesa ao lado está fazendo. Gostaria de tentar passar o máximo de tempo possível com a minha família e torná-lo memorável.

— Estou certa de que gostaria. — disse Gertrude, inclinando a cabeça para um lado, parecendo considerá-la por um momento. — Agora, minha querida, enquanto me contava sobre as suas crianças não poderem estar com você na véspera de Natal, deixou algo por dizer.

A testa de Anita franziu.

— Não, eu não deixei. Eu lhe disse tudo.

— Disse-me os fatos, mas você não me contou tudo. Há um pouco de medo, no fundo do seu coração, ao qual não está dando voz.

Esta mulher era extraordinária. Anita só pode olhar para ela por um momento e teve que piscar para conter as lágrimas. Gertrude não disse nada, aparentemente disposta há esperar o tempo que ela precisava.

Finalmente Anita suspirou.

— Estou com medo... — Ela engoliu em seco. — Eu tenho medo de que o último Natal tenha sido o último que eu vou passar com as crianças e eu não percebi isso na época.

Gertrude sorriu como um professor faria para um excelente aluno.

— Precisamente. E apenas disse: se soubesse que era o último Natal com eles, o tornaria tão memorável quanto possível. O que faria se tivesse a oportunidade de dar a alguém um último memorável Natal com sua família? Se você pudesse fazer isso, farias?

Anita sorriu.

— Eu duvido que isto vá acontecer. Falta-me a sua habilidade peculiar. Mas, sim, eu faria se eu pudesse.

Uma expressão muito séria atravessou o rosto de Gertrude.

— Eu sabia que você era a pessoa certa para essa tarefa.

— Eu não entendo.

— Eu preciso de você para fazer uma coisa, mas eu preciso explicar algumas coisas primeiro. Pode me dar alguns momentos e escutar?

— Claro.

— Anita, você aceitou que eu sei muitas coisas sobre você, embora nós nunca nos vimos antes.

— Sim. Eu não sei por que...

— O “por que” é simples. Estou infinitamente confiável. Eu fui feita deste modo pelo Criador e eu não vou... não posso... quebrar essa confiança. Mesmo quando estou lhe dizendo isto, você sabe que é verdade.

Anita assentiu um pouco espantada. Ela *não tinha* uma única dúvida.

— Há uma família que eu conheço, os Carrs, uma maravilhosa e grande família amorosa. Agnes, a matriarca desta família, está prestes a tornar-se muito doente. Na verdade, ao longo dos últimos meses sua saúde se deteriorou, seus familiares temem que ela não vá permanecer muito tempo nesse mundo. Seu desejo mais profundo é ter uma última

temporada de Natal com ela. Mas, como as coisas estão no momento, amanhã ela terá acidente vascular cerebral, que acabara por tirar sua vida.

— Eu sinto muito.

Gertrude sorriu.

— A morte não é sempre algo pelo qual se desculpar. Agnes está pronta.

— Mas nunca é fácil perder um ente querido. Quando isso acontece em um feriado de alguma forma faz com que as coisas pareçam pior.

— Sim, faz. E eu gostaria de dar a sua família mais um Natal maravilhoso com ela. Mas, isso significa que ela teria que permanecer em um corpo frágil, falhando. Algo que ela teme além da própria morte.

— Eu não entendo o que eu posso fazer para ajudar.

— Eu sei que você não compreende ainda, mas se houvesse uma maneira de que desse a sua família outro Natal com ela enquanto a salva de um destino que ela teme, e ainda passar o Natal com sua própria família, iria considerar fazê-lo?

— Claro que eu faria.

— Bem, então, eu garanto-lhe que é possível. Uma vez que você aceitar que eu tenho habilidades incomuns, por favor, mantenha a mente aberta com o que vou dizer nesse próximo minuto.

— Eu vou.

— Excelente. — Ela abriu a bolsa e tirou um relógio de bolso de ouro. — Este relógio de bolso é um canal para a viagem no tempo. Ele permite que duas almas em diferentes momentos troquem de lugar.

— Você está brincando.

Gertrude arqueou uma sobrancelha para ela.

— Mente aberta, Anita.

— Ok, sinto muito. Como funciona?

— Basicamente, uma pessoa que aceita o relógio de bolso o leva para casa, diz que uma palavra de retorno, e o coloca em volta de seu pescoço ou em um bolso antes de ir dormir. Quando acordar, sua alma e consciência estarão no corpo de outra pessoa em outro tempo.

— É isso?

Gertrude riu.

— Bem, há um pouco mais do que isso, mas as regras são bastante simples. — Ela abriu o relógio, mostrando para Anita. — Ele só tem um ponteiro. Este ponteiro vai avançar um dia para cada dia em que o viajante do tempo estiver longe, mas apenas um segundo vai passar no presente. Uma pessoa usando o relógio tem até sessenta dias para experimentar outra vida em outro tempo.

— Então, se eu fizesse isso eu estaria em outro tempo por dois meses, mas quando voltar seria um minuto depois que eu saí?

— Isso está essencialmente certo. Então você seria capaz de ajudar os Carrs, e ainda estar aqui para o Natal. Mas, você não tem que ficar o tempo todo. Na verdade, deveis escolher dizer sua palavra de retorno em algum momento dentro dos sessenta dias, ou você não será capaz de voltar para casa. E quando você disser, sua alma voltará para seu próprio corpo instantaneamente.

Anita mal podia acreditar no que estava ouvindo. Mas no fundo de sua alma sabia Gertrude estava dizendo a verdade.

— Ok, vamos apenas dizer que eu acredito que isso funciona. O que acontece quando eu voltar? Agnes estará de volta em seu corpo falho e também perderá sessenta dias. Eu acho que isso será terrível.

Gertrude assentiu.

— E seria se isso acontecesse, mas não vai. Deixando o caso específico de Agnes de lado, normalmente a pessoa em cujo corpo, o viajante do tempo vai, terá feito algo para deixar os eventos em movimento que vai resultar em sua morte e o viajante do tempo faz algo imediatamente que o impede. Portanto, como a vida da outra pessoa acabou, quando o viajante do tempo retorna ao seu próprio tempo, o corpo da outra pessoa morre e sua alma continua. Se, por acaso, o viajante do tempo opta por não regressar, seu corpo morre aqui e a outra alma segue em frente.

— Mas desta vez é diferente?

— Muito diferente. Como eu disse antes, neste caso, Agnes terá um AVC na véspera de Natal. Se nada mudar ela vai morrer naquele momento. Se aceites o relógio e entrar em seu corpo, você terá a força e a vontade de viver por um tempo, mesmo em um corpo muito frágil e fraco.

— Você tem certeza de que isso vai ajudar? Mesmo se eu mantê-la viva depois do Natal, que bem isso vai fazer? Eu poderia estar no corpo de Agnes, mas eu realmente não sou ela. Sou uma estranha. Não sei nada sobre sua família, que eu tenho certeza, seria angustiante para todos. E, no final, Agnes vai morrer no momento que eu escolher voltar.

— Todas as preocupações válidas. Mas, primeiro, deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Você lembra-se do último Natal antes de seu avô morrer?

Anita sorriu e acenou.

— Eu era apenas uma menina. Ele tinha câncer de pulmão e estava no oxigênio. Ele não podia falar muito, mas ele estava lá, sorrindo, vendo como desembrulhávamos presentes e jogávamos.

— Então, foi o simples fato do calor de sua presença que fez esse Natal especial?

— Sim, eu suponho que sim.

— Vai ser o mesmo neste caso. Sua bisneta sempre se lembrará de sentar-se em seu colo, enquanto ela lhe contava histórias e cantava músicas. Este é um verdadeiro e precioso presente para lhes dar. Mas como eu disse antes, tudo é um pouco diferente. Embora seja verdade que você irá ter sua verdadeira mente e alma, você estará em seu corpo com o seu cérebro e, neste caso, ela estará consciente do amor de sua família, e não apenas de seu copo frágil.

— Mas como posso explicar não saber nada?

Gertrude sorriu.

— Você não terá que se explicar. Lembre-se, Agnes acabará de ter tido um derrame. Ela estará muito fraca e incapaz de falar bem. Viajantes do tempo geralmente são capazes de compreender e falar a língua de seu hospedeiro e você será capaz de entender o que lhe é dito, não será nada diferente do que o Inglês. Mas você não será capaz de falar sua língua, pelo menos não muito, pois, em decorrência do derrame ela não será capaz de fazê-lo.

— Ela estará isto é *eu*, sentindo dor?

— Sim. Ela é idosa e tem as dores que vem com a idade dela. E ela vai ficar seriamente enfraquecida pelo derrame.

— E eu vou sentir tudo isso?

Gertrude assentiu solenemente.

— Sim. Cada presente tem seu preço e este não será fácil de pagar. Mas eu prometo você não se arrependerás.

A cabeça de Anita estava girando. Estava lhe sendo oferecida a oportunidade de dar um presente de valor inestimável para esta família e, apesar de que não seria fácil, em longo prazo seria, literalmente, menos de um minuto de seu tempo. Finalmente, decidida, balançou a cabeça.

— Eu vou fazer isso.

Gertrude sorriu e um calor e paz, diferente de qualquer outro que tinha sentido, tomou conta de Anita.

— Eu sabia que poderia contar com você. Agora que aceitou, eu posso lhe dizer um pouco mais. Como eu disse você entrará no corpo de uma velha alma muito querida chamada de Agnes. Lady Agnes Carr, isto é.

— Lady? Uma nobre?

— Sim. Ela viveu nas Highlands da Escócia há muito tempo atrás, no século XIII e é a avó de Logan Carr, Laird³ do Clã Carr.

Anita estava atordoada.

— O século XIII? Escócia Medieval? Eu não tinha ideia que você queria dizer... pelos céus isto é... isto é...

Gertrude assentiu.

— Mais de 700 anos atrás. Sim. Lady Agnes viveu uma vida longa e plena. Ela é muito amada por sua família e clã, como eu disse, nada vai realmente impedi-la de morrer. Seu tempo na terra acabou. Na verdade, Lady Agnes já está pronta para ir para a casa do Criador. Ela tem oitenta e dois anos de idade e...

— Oitenta e dois? No século XIII? Eu pensei que a expectativa média de vida era de quarenta ou algo assim.

— Isso é verdade. No entanto, esse número inclui a extremamente alta taxa de mortalidade entre bebês e crianças, que traz para baixo essa média. Pessoas que chegaram até a idade adulta, especialmente aqueles das

³ Líder do Clã.

classes superiores que não tiveram tanta dificuldade, geralmente viviam mais tempo. Isto dito, você está certa, oitenta e dois é uma idade bastante avançada para alguém que vive naquela época alcançar, é a exceção e não a regra. Mas como eu disse, Lady Agnes tem oitenta e dois anos de idade. Ela está cansada e com dor. Se sua alma entrar em seu corpo, ela não vai morrer na véspera de Natal. Sua família e clã não se lançarão em luto e para sempre se lembrarão de que sua amada matriarca morreu na véspera de Natal. Embora eles estejam plenamente conscientes de que é o seu último, eles vão ter mais um Natal com ela. Ao mesmo tempo, a verdadeira Agnes vai descansar em paz em seu corpo.

— Sofrimento. Essa é a parte que me assusta.

— Posso entender isso. Mas além de saber que estará dando a esta mulher e sua família um presente surpreendente, você também irá experimentar o Natal como uma nobre do século XIII, em meio a um grande e amoroso clã. Você sempre gostou de história.

Ela gostava. Ela tinha ensinado para o sexto ano por anos, mas seu tema favorito era história. Esta era uma oportunidade incrível para ver em primeira mão. Mas o resto era assustador.

Mesmo no mundo de hoje, com toda a sua tecnologia, lidar com as sequelas de um derrame era difícil. E as *dores que vem com a idade* não era nada o que ela desejava acelerar. Aos cinquenta e oito anos, Anita tinha dias nos quais suas articulações estavam rígidas e doloridas, mas ela sempre poderia ir até o armário de remédios e tomar um analgésico. Ela não podia imaginar como poderia ter sido com Agnes.

Ela estava no limite para desistir, quando se lembrou de como ela se sentiu após a ligação de Katy. Misturado no meio de tudo estava o medo e arrependimento. O medo de que a véspera de Natal nunca mais seria a mesma, e o arrependimento por não ter aproveitado mais ele no ano passado. Ela poderia fazer isso? Dar esse presente a esta família e a uma mulher idosa e vulnerável?

— Pode fazer isso? — perguntou Gertrude, ecoando os pensamentos de Anita.

Anita assentiu.

— Sim, eu posso — Afinal, era apenas um par de dias.

Gertrude sorriu.

— Eu sabia que iria. Agora existem alguns outros detalhes que deveis saber. Como eu disse, por causa do derrame, você não será capaz de falar gaélico claramente. Será capaz de se comunicar um pouco, mas suas palavras sairão arrastadas. Vai ser difícil.

— Mas se eu não posso falar claramente, como digo a palavra de retorno quando chegar a hora.

— O derrame vai apenas ter afetado a capacidade de Agnes para falar gaélico por causa dos danos a essa parte do seu cérebro. O derrame não vai ter afetado sua mente, terá de ser capaz de falar inglês sem dificuldade e sua palavra de retorno será em inglês.

— Ok. — Anita deu um suspiro de alívio.

— Então, de volta aos negócios. — Gertrude disse enquanto entregava a Anita o relógio de bolso. — Eu devo ter certeza de que você sabe exatamente o que fazer.

— Hoje à noite quando eu for para a cama, eu devo dizer ao relógio uma palavra de retorno, coloca-lo ao redor de meu pescoço e ir dormir. Eu vou acordar no corpo de Agnes. O relógio irá avançar um segundo para cada dia que eu passar no passado. Eu devo colocar o relógio ao redor do meu pescoço e dizer a palavra de retorno até sessenta dias, para retornar ao presente. Meu objetivo é passar pelo Natal.

— Isso resume tudo, exceto que você não precisa que ele esteja em torno do seu pescoço para dizer a palavra. Enquanto ele estiver no mesmo tempo que você está, ele vai funcionar de onde quer que esteja. Esse é um dos milagres do relógio de bolso.

— É bom saber.

— Agora, a respeito de seu retorno, não deve ser algo que você poderá dizer acidentalmente. — Gertrude olhou para ela por um momento. Seus olhos pararam na camisa de Natal de Anita e ela sorriu.

Anita olhou para a camisa e sorriu também. Era de Beall, sua loja favorita e trabalhada com strass sobre ele, era um flamingo vestindo um chapéu de Papai Noel.

— Nós fazemos as coisas um pouco diferentes aqui na Flórida subtropical.

Gertrude sorriu.

— Eu gosto disso. E isso me dá uma ideia para sua palavra. Posso sugerir “flamingo”?

— Perfeito. Eu amo flamingos.

Gertrude piscou.

— Pensei que você amaria. — ela se levantou. — Agora, foi um prazer, mas eu devo seguir meu caminho e você precisa terminar suas compras.

Assim que Gertrude começou a se afastar, Anita chamou:

— Espere. Como eu devolvo o relógio de bolso de volta para você?

Gertrude sacudiu a mão.

— Não é necessário que se preocupe. O relógio irá me encontrar quando você retornar.

Enquanto Gertrude se afastou, um grupo de adolescentes carregados de malas e conversando alegremente passou. Quando eles terminaram de passar, Anita não pode ver Gertrude em lugar algum.

Anita riu.

— Eu imagino que isso não deveria me surpreender.

Capítulo 3

Mais tarde naquela noite...

Jim não estava em casa naquela noite até depois das oito e ele caiu no sono assistindo ao noticiário das dez. Anita teve problemas para acordá-lo, mas eventualmente ela o acordou e o levou para a cama. Até o momento ela tinha terminado de lavar o rosto e escovado os dentes, ele estava dormindo e roncando.

Antes de ir para a cama, ela pegou o relógio de bolso em sua bolsa. Quando estava com Gertrude, tudo parecia lógico e fazia sentido. Agora, sem a força da presença de Gertrude, tudo parecia ridículo. Ela quase recolocou o relógio em sua bolsa, até que uma vozinha dentro dela disse: *Mas e se...*

A determinação de Anita cresceu. Poderia não funcionar, mas se não o fizesse, a pior coisa que poderia acontecer era ela acordar de manhã com o relógio em volta do pescoço, se sentindo um pouco tola.

— Certo, aqui vamos nós. — ela abriu o relógio de bolso, mas assim que disse: Minha palavra de retorno é “flamingo”, Jim rolou dando um ronco tão alto que quase sacudiu as janelas. Nada aconteceu. Ela franziu a testa. Melhor se assegurar.

— Apenas no caso de você não ter me ouvido, minha palavra de retorno é *flamingo*. — ela não tinha certeza do que esperar, mas nada aconteceu. Encolheu os ombros, fechou o relógio de bolso, colocou a corrente no pescoço e enrolou-se na cama.

Ela ficou deitada lá por um tempo, bem acordada. Ela olhou para o relógio de cabeceira: era 10:45.

Ela rolou, tentando ficar confortável, mas ainda não conseguia dormir. Ela olhou para o relógio novamente: 11:00.

Na verdade, isso não era incomum. Normalmente ela levava quarenta e cinco minutos para adormecer e isso era quando ela lia por um tempo.

Às 11:15 ela abriu um livro e acendeu a luz de leitura. Mesmo assim, foi apenas depois da meia noite que ela se sentiu relaxada o suficiente para dormir e colocar o livro de lado.

~ * ~

Parecia como se ela houvesse acabado de adormecer quando seus olhos se abriram. Ela estava sentada em uma mesa de madeira, no que parecia ser um grande salão de... *um castelo*. Ela queria olhar ao redor, mas a dor de cabeça era ofuscante. Ela sentiu-se cair para frente. É isso. *Agnes está tendo o derrame*.

— Avó? Avó, qual é o problema? — disse uma voz feminina doce.

— Deus do céu! Agnes tem alguma coisa errada? — a voz pertencia a uma mulher mais velha.

Anita tentou levantar sua cabeça, mas não conseguiu. Ela tentou colocar suas mãos na mesa e empurrar-se para cima. Apenas a mão direita dela obedeceu e ela conseguiu levantar-se um pouco.

A esta altura, a jovem estava ao seu lado, segurando a cabeça de Anita entre suas pequenas mãos.

— Avó? Ah, não. *Avó*. — ela colocou os braços ao redor de Anita. — Mãe, precisamos leva-la para a cama. Temo que ela teve um ataque de apoplexia. — ela olhou através da sala. — Broc, mande alguém para Logan e eu necessito que você carregue Lady Agnes para cima.

Um menino que parecia ter cerca de nove ou dez anos de idade apareceu ao seu lado esquerdo.

— Mama, há algo que eu possa fazer?

Ele parecia assustado e Anita desejou alcançá-lo, confortá-lo, mas o braço esquerdo estava pendurado e inútil ao seu lado.

Quase instantaneamente várias outras crianças apareceram atrás dele.

— Mama, o que há de errado com a bisa? — perguntou uma menina que parecia ter seis ou sete anos.

— Vovó está doente. Evan, não teremos aulas hoje. Eu preciso que você leve Malina e os gêmeos para o berçário e diga a babá Peggy o que aconteceu. Ela cuidará de todos vocês até que eu tenha cuidado de vovó.

Houve uma enxurrada de atividade enquanto a jovem dava mais ordens. Antes que Anita percebesse o que estava acontecendo, um jovem forte a levantou em seus braços e a levou até uma escada de pedra em curva. Ele a levou para uma sala contendo uma cama esculpida, que ficava sob um dossel pendurado no teto, e a colocou gentilmente na cama.

Ambas as mulheres que estavam com ela no térreo estavam bem atrás dele.

A dor que Anita sentia na cabeça era insuportável. O brilhante sol da manhã que entrava no quarto, apenas fez piorar. Ela fechou os olhos.

Deve ter perdido a consciência, por que quando abriu os olhos, as sombras sugeriam que era o final da tarde.

— Avó, você se juntou a nós novamente. — a jovem mulher de mais cedo, sentou ao seu lado, segurando sua mão direita.

Anita tentou responder, *Eu estava dormindo*, mas tudo o que saiu foi:

— Ahhhhhhhido. — ela franziu a testa e tentou novamente. — Ehhhhh aaaaaaaa iiiiiiiido.

— Você estava dormindo?

Anita apertou a mão dela.

— Sim, estava. — a voz veio de um belo homem que estava perto da lareira, e que parecia estar nos meados de seus trinta anos de idade.

A jovem acariciou o rosto de Anita.

— Avó, eu acredito que a senhora sofreu uma apoplexia. É por isso que é tão difícil falar e não tem força em seu lado esquerdo.

Mesmo que Anita soubesse que isso iria acontecer, ainda era muito assustador estar em um corpo que não seguia suas ordens e entre pessoas que ela não conhecia e com quem ela não conseguia se comunicar facilmente.

Ela empurrou a cama com o seu cotovelo direito. Ela estava desconfortável e queria reajustar sua posição, mas não deu em nada.

Também percebeu que sua bexiga estava cheia e dolorida. Precisava de ajuda.

Eu preciso me levantar se tornou:

— Ehhhhhhhhhaaaaaaar.

— Sinto muito, avó, mas não posso compreendê-la.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Anita. Talvez ela tivesse estado apagada por dias. Talvez o Natal passasse e ela podia dizer a palavra. Ela precisa descobrir. Ela precisou de todas as suas forças.

— Queeeeeeee diiiiiiiiia?

— Que dia é hoje? É véspera de Natal. — respondeu o homem.

Droga. Ela tinha que ficar. E ela tinha que fazer xixi. Ela tentou novamente.

— Imaaaaaa. Xiiiiiii.

— Ela precisa usar o penico. — disse a mulher mais velha que tinha estado no grande salão. Anita não a tinha notado sentada do outro lado da cama, até aquele momento. — Logan, traga-o até o lado da cama e vamos ajuda-la.

A mulher mais jovem já estava tentando ajuda-la em uma posição sentada. Mas antes que pudessem leva-la para cima, ela sentiu a umidade quente espalhar-se em baixo dela. Ela se molhara. Envergonhada, ela não conseguiu controlar as lágrimas.

A jovem acariciou o cabelo de Anita.

— Está tudo bem, Avó. Nós vamos cuidar disso. Vamos leva-la até o urinol no caso de você ainda necessitar dele. Logan vá buscar algumas das servas para ajudar e trocar os lençóis. Sua mãe e eu vamos cuidar disso.

Com a menina de um lado e a mulher mais velha do outro, eles conseguiram com que Anita ficasse de pé sobre a perna direita. Eles levantaram sua saia e ajudaram a sentar no penico.

— Maggie, provavelmente é melhor tirar as roupas molhadas enquanto ela está de pé. Vou encontrar uma roupa de dormir para ela. — a mulher mais velha abriu o baú e depois de um momento de busca tirou uma camisola branca e longa, que parecia ter sido feita de lã.

Maggie começou a desfazer a roupa que Anita usava. Ela tirou o vestido de fora e então desatou as fitas no pescoço de Anita que sustentava

um volumoso vestido branco. Não foi até então que Anita percebeu que o relógio estava em seu pescoço.

Um momento depois, Maggie arquejou enquanto ela puxou a roupa de baixo sobre a cabeça de Anita.

Anita procurou em seu cérebro freneticamente. Os relógios já haviam sido inventados? Como poderia explicar isso? O fato era que ela não conseguiria. Ela era fisicamente incapaz.

Maggie levantou o relógio de volta de seu pescoço e virou-o em suas mãos antes de abrir. Em seguida, ela capturou o olhar de Anita.

— Você é uma viajante do tempo.

Anita a olhou boquiaberta.

— Você sabe? — Anita se sentia tão chocada quanto Maggie parecia. As palavras saíram em claro e suave inglês.

— E você fala inglês. — A voz de Maggie mudou e Anita sabia que ela tinha falado em inglês também.

A mulher mais velha do outro lado da sala tinha os olhos arregalados, observando-a.

— O que é isso?

Maggie levantou o relógio para ela ver.

— Ela é uma viajante do tempo.

Desta vez as palavras devem ter sido em gaélico.

Os olhos da outra mulher se abriram mais.

— Esconda isso antes que as outras mulheres cheguem aqui.

Maggie assentiu, deslizando-a em torno de seu próprio pescoço, debaixo de suas roupas.

— Tenho certeza de tudo isso é esmagador. Meu nome é Maggie Carr e eu usei o relógio anos atrás, mas a única pessoa que sabe é minha mãe pelo casamento, Lady Davina Carr. — Maggie apontou para a outra mulher. — E meu marido, Logan, que é o Laird desse Clã. Você é Lady Agnes Carr, a avó de Logan e mãe de Davina pelo casamento. Nós vamos lhe ajudar aqui, e assim que as servas partirem, poderemos falar livremente.

Anita sabia que Maggie tinha falado em gaélico apenas pelo tom de sua voz, e claramente o havia feito para que Lady Davina pudesse entender.

Maggie trabalhou rapidamente para limpar Anita e vesti-la. As servas que chegaram removeram os lençóis molhados e refizeram a cama.

Uma das servas se dirigiu a Maggie.

— Minha Lady, eu ficaria feliz de sentar-me com Lady Agnes se necessitarem de uma pausa.

Maggie sorriu.

— Te agradeço, Freya. Talvez mais tarde.

Quando Anita estava sozinha novamente com as duas mulheres, Maggie sentou ao seu lado, segurando sua mão.

— Gertrude me deu o relógio onze anos atrás. Eu me apaixonei por Logan e decidi ficar.

— Deus do céu, criança, o que lhe disse?

Maggie se virou para sua sogra.

— Falei Inglês com ela e disse-lhe quanto tempo eu estive aqui. — Voltando-se para Anita, ela disse em gaélico. — Eu era uma enfermeira no meu próprio tempo. Espero que você ainda possa falar inglês, mas está tendo problemas com o gaélico por causa dos danos ao cérebro de Agnes causado pelo derrame. Se for capaz de me entender, eu vou falar em gaélico para que Davina possa entender.

Anita assentiu.

— Qual é o seu nome?

— Anita. Anita Lewis.

— É bom conhecer você, Anita. Agora, você terá que me ajudar um pouco. Eu sei exatamente como o relógio funciona, mas não entendo o que aconteceu aqui. Agnes não poderia ter feito nada para o derrame e, tão longe quanto sei você não pode fazer nada para impedi-la de morrer por ele.

— De acordo com Gertrude, desta vez é um pouco diferente. É verdade que nem eu e nem Agnes fizemos nada para afetar o derrame. Era inevitável. É uma longa história, mas em resumo, Gertrude sabia que vocês estavam esperando por mais um Natal com Agnes, enquanto Agnes queria

ir rapidamente, sem que isso acontecesse. — Anita fez um sinal para o seu lado esquerdo.

Maggie repetiu o que Anita dissera, para Davina. Então, voltando-se para Anita, perguntou.

— Você aceitou o relógio sabendo que isso iria acontecer?

— Sim. Como eu disse, é uma longa história. Mas é para ser um presente para Agnes e sua família. Pelo que entendi por Gertrude, Agnes irá sentir o amor de vocês e não os estragos do derrame, e a família terão as memórias de mais um Natal. Embora, agora que você sabe que sou Agnes, isso não é mais verdadeiro.

— Bem, nós somos as duas únicas, a saber. — Maggie apontou para si mesma e Davina. — E nós também sabemos que, graças a você, Agnes partirá sem dor, como ela teria desejado. Você fez uma coisa maravilhosa por nós. — uma lágrima escorreu pelo rosto de Maggie. — Vou sentir falta dela, mas estou confiante de que vou vê-la novamente.

— E há outra coisa. — acrescentou Davina. — Se Maggie e eu não soubesse, nós iríamos lhe pressionar para ficar na cama e descansar, esperando por alguma recuperação. Mas agora, sabendo sobre o seu propósito, nós faremos todo o possível para manter-lhe rodeada por entes queridos.

Anita sorriu, ou tentou. Ela podia sentir apenas um lado de sua boca se erguer.

— Então vocês acreditam que há um propósito em tudo isso.

Maggie riu.

— Geralmente há onde Gertrude está envolvida.

— Eu adoraria ouvir sua história.

— Vou contar-lhe antes que parta. No entanto, se vamos lhe levar para baixo, entre o Clã e a família, e lhe levar para a missa esta noite, nós teremos que fazer alguns planos.

— Devemos dizer a Logan? – perguntou Lady Davina.

Maggie franziu as sobrancelhas.

— Não tenho certeza. Não vamos dizer nada imediatamente. Se algo surgir e torná-lo necessário, contaremos.

Houve uma batida suave na porta.

— Entre. — respondeu Davina.

Uma pequena cabeça marrom apareceu. Era o menino que Anita tinha visto no grande salão.

— Evan, filho, entre. – disse Maggie.

— Bisa está bem?

Maggie assentiu.

— Está por agora. Ela teve o que chamamos de uma apoplexia. É algo que acontece na cabeça de alguém. A deixou muito fraca. Na verdade, ela não pode mover nada de seu lado esquerdo. Também fez com que fosse muito difícil ela falar. Mas ela pode escutar e entender perfeitamente bem.

Anita estendeu a mão direita em direção ao menino.

Ele se aproximou da cama e colocou sua pequena mão em sua velha e retorcida.

— Posso ficar com a senhora um tempo, Bisa?

Anita sorriu o melhor que pode e assentiu.

— Evan, Bisa e eu temos algumas coisa para resolver. Vou mandar Freya para cima com Malina, e então, talvez, vocês três podem fazer companhia a Bisa?

Ele balançou a cabeça freneticamente.

Anita passou o resto da tarde sendo entretida pelos dois bisnetos mais velhos de Agnes. E, assim como Gertrude havia dito, a experiência a lembrou de seu último Natal com seu próprio avô. Eles conversaram e brincaram e ela apenas os observou. Depois de várias horas ela se sentiu cochilar e Freya se moveu.

— Agora, Evan, Malina, vão até sua mama e diga-lhe que vou ficar com a sua bisavó enquanto ela tem um pequeno descanso.

Capítulo 4

Quarta-feira 24 de dezembro, 1281.

Castelo Carr

Maggie e Davina passaram o resto da tarde, supervisionando a criação de uma maca confortável. Tinha pernas curtas para sustenta-la a 45 centímetros do chão. A maca estava equipada com um pequeno colchão e travesseiros de lã, para que Anita pudesse sentar-se apoiada em uma posição melhor.

— O que é tudo isso? — Perguntou Logan quando viu tudo acabado.

— É que quero Agnes seja tranquilamente transportada para a Missa e para participar das festas.

Logan franziu a testa.

— Maggie, estou surpreso com você. Ela acabou de ter uma apoplexia, necessita de descanso.

Maggie olhou para Logan por um momento, tentando decidir o que lhe dizer. A verdade, geralmente, era a melhor opção, mas, neste caso, ela poderia ser verdadeira sem lhe dar todos os detalhes.

— Logan, você concorda que, por vezes, umas necessidades superam as outras?

— Certamente, mas devido à condição dela, eu não pensaria que levá-la a Missa é excessivamente importante.

Ela segurou as mãos dele.

— Meu amor, a apoplexia foi muito grave. E sua avó vem tendo sua saúde diminuída pelos últimos meses, a um ponto de que ela já estava frágil.

— Mais razões para insistir no descanso.

Maggie sacudiu a cabeça.

— A verdade é que nenhuma quantidade de descanso irá fazer com que sua qualidade de vida melhore. Não importa o que eu faça, ela não vai viver muito. Este, com toda a certeza, será seu último Natal e nosso último Natal com ela.

— Mas...

— Não, Logan. Sua avó é uma das pessoas mais vívidas e energéticas que eu já conheci, e ela já estava na casa dos setenta quando a conheci. Mesmo que mantê-la na cama sendo atendida pudesse mantê-la conosco mais um ano... o que não vai... será à custa de seu conforto, felicidade e dignidade. E, sem poder tratar o derrame ou as consequências dele, é apenas uma questão de tempo antes que ela tenha outro. Ela não irá ficar conosco por muito tempo. Eu sei disso e ela também. Ela deseja celebrar o Natal da melhor maneira que ela pode. Não vou lhe negar isso.

Logan olhou para longe por um momento.

— Está certa disso?

— Absolutamente. Vamos fazer algumas ótimas memórias com ela. Maretta é muito jovem, mas as outras crianças não. Não vamos permitir que eles se lembrem dela doente e em uma cama. Isto não é quem ela é e é a última coisa que ela iria desejar.

Logan assentiu. A tristeza em seus olhos quebrou o coração de Maggie e lágrimas brotaram em seus olhos. Soltando as mãos dela, ela o envolveu em um abraço.

— Eu não poderia amá-la mais se fosse minha própria avó. Se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer para mudar isso, você sabe que eu faria. Isso é o que ela deseja.

~ * ~

Anita cochilou até a noite. Todas às vezes ela acordou sentindo a dor no corpo de Agnes, e sendo incapaz de se mover com facilidade, ela experimentou um momento de pânico. Mas um olhar ao redor do quarto a recordou de sua decisão ao aceitar o relógio.

Mesmo que pensasse saber o que esperar, ela nunca poderia estar preparada para a realidade. Mesmo sem os milagres da medicina moderna, o desconforto natural de um corpo idoso poderia ser tolerado se ela tivesse

sua total mobilidade. Ela nunca havia apreciado o quanto o simples movimento e reajustar sua posição pudessem ser capazes de diminuir uma dor ou outra. Com algum esforço ela pode mover um pouco de seu braço esquerdo, mas sua perna esquerda estava inútil. Se ela quisesse se virar ou dobrar seu joelho esquerdo, ou simplesmente mover um pouco seu pé, ela necessitava que alguém a ajudasse.

O fato de que ela não poderia dizer exatamente o que ela precisava, a não ser que estivesse sozinha com Maggie, deixavam as coisas muito piores. Seu único consolo em tudo isso, era que era a véspera de Natal e ela não teria que suportar muito tempo. Ela poderia dizer a palavra de retorno em um par de dias.

Outro fator positivo é que, ela não havia esperado ser capaz de sentir o amor de Agnes por sua família.

Naquela noite, Maggie e Logan vieram para leva-la para baixo. Quando entraram na sala, ela sentiu uma onda de afeição tão forte como se tivesse sido como Katy ou Jack.

Logan cruzou o quarto e pegou a mão de Anita.

— Avó, Maggie diz-me que a senhora queria vir para baixo para o grande salão esta noite, e então talvez ir à Missa com a gente.

Anita apertou sua mão e balançou a cabeça.

— Tem certeza que não preferias ficar aqui e descansar?

Anita olhou dele ele para Maggie, que sorriu com indulgência para as costas de seu marido. Anita sorriu. Ela entendeu. Ela suspeitava que Logan não quisesse que Agnes se cansasse e, talvez, tinha discutido com sua esposa sobre isso. Anita o olhou diretamente nos olhos, apertou-lhe a mão com mais força e balançou a cabeça novamente.

— Iiiiiim — A palavra saiu mais como um gemido, mas ele entendeu.

Ele olhou para trás, para Maggie.

Anita quase riu alto ao ver a expressão no rosto da jovem. Ela não poderia ter dito *eu avisei*, mais claramente se ela gritasse no topo de seus pulmões. Ela se virou para o guarda-roupa.

— Eu vou encontrar-lhe algo apropriado para vestir.

Logan suspirou, voltando-se para Anita.

— Então, se é isso que realmente deseja, vou leva-la para baixo. Maggie preparou quase um trono para a senhora.

Maggie pegou uma peça do guarda-roupa, ajudou Anita na posição sentada e a ajudou a vestir um vestido de lã verde escura que se abria na frente. Laços o mantinham seguro do pescoço até a cintura.

A veste branca que Maggie havia chamado de *léine* era visível no pescoço, pulsos e na frente da cintura para baixo. Então Maggie envolveu um belo cobertor de lã macia ao redor de seus ombros.

Uma vez que Anita estava vestida, Logan passou os braços sob seus joelhos e atrás de seus ombros, levantando-a em um movimento suave, como se ela não pesasse mais do que uma criança. Levou-a para fora do quarto e desceu a escada em espiral para o grande salão.

Quando Anita tinha chegado, no meio do derrame de Agnes, ela mal tinha notado seus arredores. Agora ela podia olhar para aprender. Era tudo o que ela tinha imaginado como seria um grande salão medieval no Natal.

Havia duas grandes lareiras, tomadas de chamas, em cada extremidade da sala. Uma grande mesa de madeira estava perto delas. Mesas de cavalete, que consistiam em placas longas suportadas em ambas as extremidades, por algo que se assemelhava a cavaletes, estavam sendo montadas no centro do corredor e bancos colocados de ambos os lados.

Um turbilhão de outras atividades sugeria que eles estavam se preparando para servir uma refeição. As paredes estavam cobertas de tapeçarias. Ramos de pinheiros e azevinhos adornavam portas, janelas, mantos e pilares. Tochas em suportes sobre as paredes da sala adornavam-na com partes iguais de luz e sombra.

No entanto, Anita não poderia ter imaginado a cacofonia de cheiros que ela encontrou. O cheiro agradável de fumaça de madeira e ramos misturados com os aromas mais nítidos de sebo queimado, pele molhada e suor, desmascarada por desodorante.

Ela também não tinha imaginado como o frio que seria. Mesmo com o fogo aceso, estava gelado. Ela ficou agradecida quando Logan levou-a para o que parecia um pouco com uma espreguiçadeira larga, colocada perto o suficiente para ela ficar mais quente do que o resto da sala.

Maggie ajudou a acomodá-la nas almofadas, e cobriu-a com outro cobertor.

— Avó está quente o suficiente?

Anita assentiu.

Maggie sorriu.

— Há uma abundância de cobertores. Se você precisar de mais, deixe-me saber. Você não deve deixar o frio chegar.

Uma menina bonita veio correndo em direção a eles.

— Posso sentar nesta cadeira agradável com a bisa? Ela pode me contar uma história.

— Eu também, eu também. — gritou um menino que parecia ter a mesma idade e que estava sobre seus calcanhares.

Logan franziu a testa.

— Edward não deve gritar e Ella, a Bisa não está se sentindo bem. É difícil para ela falar. Ela não pode contar histórias a vocês.

Anita se inclinou para a menina. Ela adoraria dar-lhe um abraço, mesmo que ela não pudesse contar história alguma.

Maggie se agachou ao lado de Ella.

— Parece que a Bisa gostaria que se sentasse com ela. E talvez você e Edward pudesse contar-lhe uma história.

Edward franziu a testa.

— Eu não sei nenhuma história.

— Claro que sabe. — Maggie sentou Ella na cadeira ao lado de Anita. — Você sabe todas as histórias que a Bisa lhes contou ao longo dos anos.

— Mas ela já sabe de todas elas — disse Edward, continuando a fazer beicinho.

— Sim, ela sabe. — disse Maggie. — Mas mesmo que você soubesse todas elas também, ainda gosta de ouvi-las.

O menino assentiu.

— Bem, eu suspeito que bisa goste também.

— Sério? — Edward lançou Anita um olhar interrogativo.

Ela sorriu e acenou com a cabeça.

— Seu sorriso está torto, bisa. — disse Ella.

Maggie colocou uma mão no ombro da menina.

— Ella, sabe bem que o papai disse que a bisa não está se sentindo bem?

Ella assentiu.

— Bem, ela está muito, muito fraca, especialmente no lado esquerdo do corpo. Qual é seu lado esquerdo?

Ella levantou a mão direita, franziu a testa e, em seguida, levantou a mão esquerda.

— Está correto. Sua perna esquerda está fraca e sua mão esquerda está fraca. Até mesmo o lado esquerdo do seu rosto está fraco.

— Então, ela só pode sorrir com seu lado direito? — Perguntou Edward.

Maggie sorriu, obviamente satisfeita de que eles tinham entendido tão bem.

— Sim, Edward.

O menino franziu o rosto, como se tentando sorrir com apenas metade dele.

Anita riu, fazendo com que as crianças sorrissem.

Edward se jogou em história após história. Eles logo foram acompanhados por Evan e Malina, todas as quatro crianças saltando para fornecer detalhes que achavam ser importantes para a história.

Enquanto as crianças conversaram e riram, mais uma vez Anita sentiu uma sensação de imenso amor por eles, que certamente deveria ser o seu vínculo com Agnes.

Enquanto a noite avançava, primeiro Ella, então Edward adormeceram, Ella no colo de Anita e Edward enrolado próximo a perna de Anita. Em algum momento, Anita pode ter cochilado também, mas ela acordou quando as crianças foram levantadas longe dela.

Maggie ajoelhou-se ao lado dela.

— Avó, está certa de que deseja ir à Missa? Talvez seria melhor se voltasse para a cama e descansasse.

Anita sacudiu a cabeça. Parte dela desejava que ela pudesse estar passando por isso em um corpo mais forte, mais saudável, mas ela não queria perder nada.

— Miaaaa.

Maggie deu-lhe um sorriso caloroso.

— Se isso é o que quer. Eu só vou acrescentar algumas peles para seu cobertor. É uma noite amarga e a capela estará fria.

Quando Maggie terminou, a única pele descoberta era o rosto de Anita.

Logan, Maggie e Lady Davina caminharam ao lado dela enquanto dois homens carregavam a maca para fora do grande salão e desciam os degraus. Todos estavam atrás deles.

Maggie não tinha exagerado. Quando a primeira rajada de vento gelado atingiu o rosto de Anita, quase lhe tirou o fôlego. Ela sorriu para si mesma. Como uma nativa do sul da Flórida, era um dia frio se ela tivesse que usar meias. Mas, graças a Maggie, Anita estava aconchegada em seu casulo de cobertores e peles.

Neve estava profunda no chão, silenciando os sons de passos. Embora a neve ainda caísse levemente, o céu estava limpo e a pálida luz da lua se refletia sobre o cobertor branco brilhante.

Os membros do clã começaram a cantar uma bela canção sobre a Santíssima Virgem, enquanto caminhavam. Embora Anita nunca tivesse ouvido essas palavras, ela reconheceu a melodia como *Creator of the Stars of Night*. Ela sabia que era uma melodia antiga e sempre tinha sido uma de suas favoritas.

Neste momento, tudo era tão belo que Anita não conseguiu parar uma lágrima que escorria pelo rosto, misturando-se com os flocos de neve.

As sobrancelhas de Logan se juntaram.

— Tem alguma coisa errada, vovó? Maggie, você tem certeza que isso foi uma boa ideia?

Anita sacudiu a cabeça. Ela queria dizer que esta era a mais calma, e bonita véspera de Natal que ela já tinha experimentado. Mas a única palavra que ela conseguiu formar foi:

— Beeelo.

O Laird do Clã Carr deu um sorriso suave e delicadamente limpou a lágrima de seu rosto.

— Sim, Vovó. É muito belo.

A Missa dos Anjos como a chamam, foi igualmente linda. Lembrou-se das Missas em Latim dos quais ela se recordava da infância. Quando acabou, ela permitiu que Maggie pudesse colocá-la na cama.

Uma vez sozinhas, Maggie falou com ela em Inglês.

— Gostou da Missa? É tão diferente do que eu estava acostumada, mas eu adoro isso.

— Foi linda. Tenho idade suficiente para lembrar da Missa Tridentina⁴ e trouxe de volta memórias. Você sente muita falta? O século XXI, eu quero dizer?

— Na maioria das vezes não. Na véspera de Natal tenho saudades de *Noite Feliz* e *Joy to the World*. Eu sinto falta dos livros. Eu *realmente* sinto falta dos livros. Você sabe, se enrolar em um dia chuvoso com um velho amigo como uma das séries *Harry Potter*.

— Eu amo os livros de *Harry Potter* também. E eu sou uma grande fã dos filmes. Mal posso esperar até o próximo que sai neste verão. Mas eu acho que você não os viu.

Maggie franziu a testa.

— Mas...

Uma batida na porta interrompeu.

— Vamos conversar mais amanhã. — ela sussurrou antes de responder “pode entrar” em gaélico.

Logan e Freya entraram no quarto.

Logan foi até a cama e beijou o rosto de Anita.

— Eu só queria desejar-lhe boa noite, vovó.

Anita tocou seu rosto com a mão direita.

— Noooooite.

— É tarde. Vou dizer boa noite também, vovó. — Maggie beijou sua bochecha. — Freya vai ficar com você caso precisar de alguma coisa.

Anita assentiu.

— E Freya, chame-me se você precisar de mim.

— Sim, minha senhora.

⁴ Nota da Tradutora: A Missa Tridentina ou Missa de São Pio V é a liturgia da Missa do Rito Romano que foram publicadas de 1570-1962. As características mais visíveis da missa tridentina são o uso do latim, como a posição do sacerdote, geralmente de costas para os fiéis.

Quando Maggie e Logan partiram, Freya se acomodou na cadeira ao lado da cama e pegou a mão de Anita.

— Eu estarei bem aqui. Só precisa apertar minha mão, se precisar de alguma coisa, minha senhora.

Anita assentiu e apertou a mão da jovem antes de fechar os olhos. Na verdade, ela estava exausta.

Enquanto ela relaxou no sono, as imagens dos Natais de quando ela era uma menina passou pela sua mente. Seus pais sempre tinham feito coisas tão maravilhosas.

Ela era filha única, não que isso tenha sido planejado, apenas um simples e triste acaso. Seus pais se casaram um ano depois que seu pai voltou ao servir na Europa na Segunda Guerra Mundial e sua mãe ficou grávida quase imediatamente. Eles queriam uma família grande, mas não era para ser.

Até onde ela sabia sua mãe nunca concebeu outra vez. É possível que ela teve abortos, mas que não era o tipo de coisa que sua mãe falava a respeito. Mas por causa disso, eles consideraram Anita seu milagre e esbanjavam sua atenção sobre ela. Natais eram particularmente mágicos.

Eles se tornaram os Três Mosqueteiros. Ela manteve-se próxima a eles por toda a sua vida. Não fazia muito tempo que ela os tinha perdido. *Oh, Agnes, se você puder, diga-lhes o quanto sinto falta deles.* Com esse pensamento, ela derivou a dormir.

Capítulo 5

Quinta-feira, 25 de dezembro, 1281.

Castelo Carr

Quando Anita acordou na manhã seguinte, mais uma vez percebeu que ela era impotente. Ela tinha perdido o controle de sua bexiga durante a noite e estava molhada e gelada. Ela teve que ser lavada e vestida como uma criança. Foi mais difícil do que ela imaginava. Mas, em seguida, Logan levou-a até o grande salão onde Maggie ajudou a deixá-la confortável em sua maca, e ao longo do dia, ela sabia que tudo o que ela sofreu, absolutamente, valera a pena.

Ela não tinha despertado para a Missa matinal, mas foi com a família e clã para a Missa do Verbo Divino no final da manhã. A manhã estava clara e o sol fazia um profundo manto de neve. Ela teve sua primeira visão do castelo à luz do dia e ficou encantada. Parecia algo de um conto de fadas. Ela tentou gravar a imagem em sua memória, porque ela estava certa de que nunca veria nada parecido novamente.

Quando eles voltaram para o grande salão, depois da missa, a celebração começou com uma festa enorme, luxuosa.

Sua família a rodeava, cuidando de sua menor necessidade. Logan estava ao seu lado a maior parte do dia como estavam Davina, Maggie e os filhos. Também houve um fluxo constante de amigos de Agnes que a entreteram e ficaram com ela.

Quando a ceia foi servida, menestréis e danças começaram. Eles moveram a maca de Anita para que ela pudesse ver tudo. Mesmo que ela não pudesse falar, na verdade ela mal conseguia se mover, isso não importava. Ela estava simplesmente presente, absorvendo tudo, fazendo memórias. O riso, o canto, o crepitar do fogo, a vela bruxuleante.

Os aromas de javali assado, vinho aromático quente e pão fresco. A sensação de uma mão amiga segurando a dela ou uma criança dormindo enrolada bem perto. Foi uma gloriosa celebração do Natal, ao contrário de qualquer uma que Anita tinha experimentado.

Nem nunca vai ter isso de novo. Um nó se fez em sua garganta com esse pensamento.

Enquanto ponderava isso, ela percebeu que não era exatamente verdade. Sim, ela nunca estaria aqui, neste castelo, com essas pessoas novamente. Mas talvez a alegria que sentia era por estar totalmente presente, estar imersa na experiência. Ela sorriu para si mesma. Ela não tinha escolha. Nada mantinha uma pessoa no presente tanto quanto a imobilidade.

Ela acariciou a cabecinha em seu colo. Ela adorava segurar uma criança dormindo quase mais do que qualquer outra coisa. Mas por mais que tentasse, não conseguia se lembrar de uma época do Natal passado, quando ela simplesmente sentou-se e segurou um de seus netos. Seu foco tinha estado em outro lugar.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. *Então, isso não foi tudo para Agnes, não foi, Gertrude?*

~ * ~

A hora passou e Maggie tinha levado seus filhos para a cama. Quando eles todos a beijaram, ela voltou para a sala. Anita tinha estado cochilando pela a última hora. Maggie sabia que precisava ir para a cama também.

Ela atravessou o corredor para o fogo onde a maca tinha sido colocada perto. Anita estava acordada, mas o cansaço estava nítido nela. Maggie sentou ao lado dela.

— Apreciou a ceia?

Anita assentiu, os olhos brilhantes e cheios de felicidade.

— Estou tão feliz. Foi um dia maravilhoso e um que eu nunca vou esquecer.

— Euuuu... também. — Anita respondeu com grande esforço.

— Bom. Agora, eu acho que é hora de levá-la para a cama.

Anita assentiu.

— Logan, meu amor, vovó está cansada. Você vai me ajudar a levá-la lá em cima?

— Claro, querida. — Seu sorriso era tão largo como sempre, mas havia tristeza em seus olhos. Ele adorava Agnes. Perdê-la algum dia era inevitável, mas Maggie sabia que não o fazia enfrentar a perda mais fácil. Ele gentilmente levantou o pequeno corpo de sua avó em seus braços e a levou até as escadas.

Várias servas os seguiram, mas Davina estendeu uma mão.

— Fiquem e desfrutem da festa. Maggie e eu vamos levar Lady Agnes para a cama.

Logan colocou sua avó em sua cama antes de beijar sua bochecha.

— Eu a amo muito, vovó. Durma bem.

Anita sorriu e apertou a mão dele.

Logan virou-se para Maggie.

— Você tem certeza de que não precisa de mim?

Davina respondeu.

— Não filho, nós podemos cuidar disso.

— Boa noite, então. — Ele apertou a mão de sua avó novamente e saiu.

Quando ele se foi, Maggie disse:

— Anita, você pode se sentir livre para falar Inglês se desejar. Eu vou continuar a falar gaélico para Davina poder entender.

Anita sorriu com o lado direito do rosto.

— Muito obrigada, Maggie. Este dia foi verdadeiramente extraordinário.

— É bastante diferente dos Natais modernos. O derrame de Agnes limitou sua capacidade para realmente desfrutar das festividades. Eu desejaria que você tivesse sido capaz de experimentar a nossa celebração mais plenamente.

— Oh minha menina preciosa, por mais estranho que pareça, eu acho que foi perfeito. Exatamente o que eu precisava.

— Você está brincando comigo.

— Eu não estou brincando. É tudo sobre sua perspectiva. Gertrude lembrou-me disto quando ela me deu o relógio. Se eu não estivesse estado no corpo de Agnes eu teria visto a mesma coisa que você. Como poderia isso — ela acenou para seu inútil lado esquerdo — ser uma bênção?

— Uma pergunta justa, se me fizer.

— Mas, a partir dessa perspectiva, eu aprendi alguma coisa. Estar neste frágil corpo significava que eu tinha que ficar quieta e simplesmente experimentar tudo o que estava acontecendo ao meu redor. Percebi que em casa, estou tão focada em *fazer*, que eu esqueci que a vida está acontecendo ao meu redor. Como resultado, às vezes eu perco o que é verdadeiramente importante. Hoje eu não tinha escolha, e eu não teria trocado um único momento precioso.

Maggie sorriu e explicou o que Anita tinha dito a Davina.

Um olhar de surpresa cruzou o rosto de Davina.

— Oh meu Deus, isso é... isso é...

Maggie riu.

— Isso é Gertrude.

Anita assentiu.

— Exatamente o que pensei. Suponho que a minha missão foi cumprida.

— Suponho que sim. — a testa de Maggie se franziu. — Tenho certeza que você está pronta para voltar para casa e eu sei como é difícil para você estar presa ao corpo falho de Agnes. O restante da celebração será subjugado, mas é mais do que suficiente que você estivesse aqui para o Dia de Natal.

Anita fez uma careta.

— O *resto* da celebração?

— Sim. Ao contrário do Natal em nosso tempo, onde todo mundo sai correndo para aproveitar as vendas no dia depois do Natal, aqui nós celebramos todos os doze dias, até à Epifania.

Anita suspirou.

— Eu sabia disso, eu acho que eu tinha esquecido. Eu pensei que eu só estaria aqui por uns dias.

— E você esteve. Você deu um belo presente para nós. Eu não vou pedir mais.

— Não, Maggie. Agora que penso nisso, Gertrude me pediu para ficar para a “Temporada de Natal” e eu concordei. Eu não vou quebrar minha promessa. Está bastante claro que Gertrude tem um plano e talvez a minha missão ainda não esteja cumprida. Vou vê-lo passar. É apenas um pouco menos de duas semanas. Eu posso fazer isso.

— Você tem certeza?

— Sim. Absolutamente.

Maggie não tinha certeza por que, mas ela sentiu uma grande sensação de alívio e era mais do que apenas ter Agnes presente para o bem de sua família. Agnes tinha ido embora e ela tinha aceitado isso e em breve a família o faria também.

Maggie sabia que isso não era apenas sobre Agnes.

Maggie teve que admitir, mesmo que apenas para si mesma, que ela não estava pronta para Anita partir, mas ela não tinha certeza do por que. Normalmente, seria sua inclinação tentar poupar alguém de sofrimento desnecessário se pudesse. Anita estava trancada no corpo falho de Agnes com toda a dor e indignidades que vieram com isso.

Para Anita para ficar mais doze dias era um enorme sacrifício. Maggie nunca teria pedido isso a ela. Ainda assim, o fato era que ela queria que Anita ficasse. Só mais um pouco. Ela não conseguia entender exatamente por que isso era tão importante para ela, mas ela estava cansada. Ela iria se preocupar com isso amanhã.

~ * ~

Quando Anita acordou no dia seguinte, a neve estava caindo. Logan tentou corajosamente convencer sua avó a ficar na cama e descansar o resto do dia.

— Naaaa. — foi tudo o que Anita conseguiu dizer. Ela tinha lido sobre o dia do St. Stephen em um livro uma vez e sabia que os animais eram abençoados como parte da celebração. Ela queria ver isso. E ela queria ver a neve caindo.

Maggie colocou uma mão no braço de Logan.

— Logan, isso é importante para a vovó. Eu juro, eu vou garantir que ela tenha um longo descanso, esta tarde, antes da festa de hoje à noite.

Então mais uma vez, Anita foi agasalhada em sua maca e levada para a igreja. A neve caía pesadamente. Ela nunca tinha experimentado uma queda de neve e foi surpreendida com a forma que *soava*. Ruídos eram silenciosos e fazia sentido quando pensava sobre isso. Mas ela não esperava *ouvir* a neve caindo. Havia uma batida mais fraca, *tick, tick, tick*, quando os pequenos flocos de gelo aterrissavam.

Durante a Missa, o sacerdote abençoou o feno, sal e aveia. Anita teria que pedir a Maggie explicações sobre isso mais tarde. Depois da Missa, o sacerdote levou uma procissão para os estábulos, onde ele abençoou os cavalos.

Anita sorriu para si, enquanto observava. Maggie parecia amar os grandes animais. Lembrou-se o quanto Katy tinha amado cavalos quando adolescente e suspeitava que Maggie não tivesse sido diferente.

Quando as cerimônias acabaram, assim como ela tinha prometido, Maggie insistiu que a avó voltasse para a cama.

— Eu vou sentar com você enquanto descansa. Será outra noite cheia.

Ela espantou todo mundo para fora do quarto, em seguida sentou-se ao lado de Anita.

— Eu espero que você não se importe. Nós não tivemos tempo sozinhas e eu quero ouvir sobre sua vida e como Gertrude chegou a oferecer-lhe o relógio de bolso.

— Eu quero saber sobre a sua história também. Mas primeiro eu tenho uma pergunta. Percebi que São Stephen é um padroeiro dos animais.

— Está certo. E o feno abençoado, sal e aveia serão distribuídos aos nossos agricultores e dado ao animal doente ao longo do ano.

— Eu sempre pensei em São Francisco como o padroeiro dos animais.

Maggie riu.

— Eu também, mas aqui, São Francisco ainda é um santo relativamente novo. Foi um pouco mais de cinquenta anos desde que ele morreu e foi canonizado. — Que loucura é essa? *São Francisco tinha dezoito anos quando Agnes nasceu.* — E Santa Catarina de Sena nem sequer nasceu ainda. Quando eu paro para pensar sobre coisas assim, espanta-me mesmo depois de todos estes anos.

— Conte-me sobre você, quero dizer sobre quem você era.

— Meu nome era Magdalena Mitchell. Eu morava perto de Trenton, Nova Jersey com meu pai. Ele era um professor de física na Universidade de Princeton.

— E como você conheceu Gertrude?

— É uma longa história, mas ela me encontrou chorando em um jardim de esculturas em um lindo dia de junho.

— Por que você estava chorando?

— O homem que eu pensei que eu amava tinha acabado de casar com outra pessoa.

— Oh céus. Como isso aconteceu?

— Eu não vou te aborrecer com todos os detalhes, mas eu adiei ir à faculdade e perseguir meus sonhos, porque minha mãe foi diagnosticada com câncer quando eu estava no último ano do ensino médio. Fiquei em casa para ajudá-la e minha família e ele continuou sem mim.

— Sua pobre mãe. Eles foram capazes de tratar o câncer? Ela se recuperou?

Uma sombra de perda atravessou o rosto de Maggie.

— Não. Estava muito avançado quando ela foi diagnosticada.

— Eu sinto muito, querida.

— Obrigada. Eu sinto falta dela. Eu sempre vou sentir. — Maggie ficou pensativa por um momento antes de continuar. — De qualquer forma, Gertrude me deu o relógio quando eu disse que gostaria de poder

ter a vida de outra pessoa. Cara, eu estava surpresa quando cheguei a mais de setecentos anos no passado.

— Gertrude não lhe disse onde você estava vindo?

— Não. Imagino que ela lhe disse, porque você sabia sobre Agnes e o derrame.

— Sim, ela fez. Eu não posso imaginar o choque de desembarque aqui sem nenhuma pista de onde ou em quando você está.

— Isso é aliviar o mínimo. Mas não demorou muito tempo para perceber que aqui estava meu destino. Eu pertencia aqui.

— E estais aqui há onze anos?

Maggie assentiu.

Onze anos? Mas Maggie disse a ela que gostava dos livros de Harry Potter, plural, e apenas o primeiro tinha sido lançado há onze anos. *Como pode ser?*

Antes de Anita pudesse resolver o problema, Maggie disse:

— Conte-me sobre você. De onde você é?

— Eu vivo no sudoeste da Flórida com meu marido e eu era professora. Eu costumava ensinar a sexta série.

— Costumava?

— Estou cinquenta e oito e eu me aposentei há alguns anos atrás.

— Foi quando você se mudou para a Flórida?

Anita riu.

— Não. Nós realmente sempre vivemos na Flórida.

— Você tem filhos?

— Temos um filho e uma filha. O nosso filho tem trinta. Ele é casado e têm duas filhas, Lucy com três anos e Olivia de um.

— Qual é o nome do seu filho?

— John James Lewis. É o nome do meu marido e era o nome de seu pai também. Meu sogro sempre foi chamado de “John” e meu marido de “James” ou “Jim”. Então, quando demos ao nosso filho o nome, decidimos chamá-lo de Jack.

— E sua filha?

— Ela tem vinte e sete anos e seu nome é Katy. Ambos vivem na área de Washington, DC.

— Por que tão longe de casa?

— Eles foram para a faculdade no nordeste e é aí que eles arrumaram empregos. Jack é um advogado de patentes e trabalha para o escritório de Patentes e Marcas dos EUA. Katy tem licenciatura em ciência da computação pela Georgetown.

— Você está brincando. Meu ex-namorado, por quem eu estava chorando quando Gertrude me deu o relógio, é graduado em ciência da computação pela Georgetown.

— Mesmo? Quando ele se formou?

— Em 2012.

Anita estava atordoadada.

— O que você disse?

— Formou-se em 2012.

— Mas... espere, eu não entendo. Quando Gertrude deu-lhe o relógio de bolso?

— Em junho de 2014.

Anita não poderia entender. Maggie era mais além no futuro do que Anita mesma era. Isso significava... isso significava que *Maggie ainda não tinha partido em seu tempo*.

— Qual o problema? — Perguntou Maggie.

— Nada. Eu apenas assumi, já que você está aqui há mais de onze anos, que você usou o relógio há mais de onze anos atrás.

— Eu fiz.

Anita olhou para ela.

— Não, você não fez. *Você não o usou ainda*. Gertrude me deu o relógio em Dezembro de 2008. Quando eu voltar, você ainda vai estar lá.

A boca de Maggie caiu aberta em estado de choque.

— 2008? Eu nunca imaginei... mas eu não sei por que estou surpresa. Gertrude disse que o tempo não é linear e ela parece avançar e voltar à vontade.

— Quando sua mãe foi diagnosticada com câncer?

— 2009.

— Não até o próximo ano para mim. Maggie, se eu encontrá-la quando eu voltar, talvez eu possa convencê-la a fazer *checkout* mais cedo. Talvez eles possam encontrá-lo mais cedo e ele não vai tirar a vida dela.

Por um momento, Maggie apenas olhou para Anita, atordoada. Em seguida, seu rosto se iluminou com entusiasmo.

— Você está certa. Você pode avisá-la. Eles poderiam pegar o câncer um ano antes e talvez... talvez...

A alegria que parecia ter preenchido Maggie, dissipou-se tão rapidamente como veio. Maggie sacudiu a cabeça tristemente.

— Não, você não pode.

— Claro que eu poderia. Tem jeito.

Maggie sorriu para ela.

— Eu não posso imaginar o que minha vida teria sido se ela não tivesse morrido. Aqueles anos foram incrivelmente difíceis e eu sinto falta dela. Parte de mim está muito tentada, mesmo que apenas pelo o meu pai e irmã. Mas se eu aprendi alguma coisa, é que o universo se desenrola como deve. Minha vida aconteceu como o fez por uma razão, e estou muito feliz aqui. Eu nem tenho certeza de que ainda poderia mudá-lo se você tentasse. Eu sei que isso pode parecer loucura para você, mas a doença da minha mãe e tudo o que a rodeia já aconteceu.

Apesar de 2009 é o seu futuro, é o meu passado. E depois há sempre a chance de que a tentativa de mudar até mesmo a menor coisa poderia piorar a situação toda. Por mais difícil que aqueles anos foram, eu fiz isso por eles e acabei aqui. Esta é a minha vida agora. Eu não mudaria isso por nada.

Anita assentiu.

— Eu acho que eu entendo. Como uma mãe, parte meu coração saber o que está à frente para o seu eu mais jovem. Eu gostaria de poder fazer algo por você, mesmo que apenas para facilitar as coisas de alguma forma, mas eu entendo.

— Obrigada, Anita. — Maggie pegou das mãos de Anita, dando-lhe um olhar pensativo. — Mas talvez haja algo que você possa fazer para me ajudar depois de tudo. Eu tenho um passado que não posso compartilhar

com meu presente e um presente que eu não posso compartilhar com meu passado.

— Eu não tenho certeza se entendi.

— Como eu disse a você ninguém, além de Logan e Davina sabe que eu sou uma viajante do tempo. Eu nunca vou ser capaz de dizer aos meus filhos sobre os seus avós ou sua tia Paige. Eu não posso contar-lhes histórias da minha infância ou quaisquer boas lembranças.

— Ah, eu entendo, *um passado que você não pode compartilhar com seu presente*. E você não pode compartilhar sua nova família com o passado.

— Exatamente. Mas talvez você pode. Eu usei o relógio de bolso em 21 de junho de 2014. Talvez um dia, após essa data, você pode procurar minha irmã, Paige. Eu contei a ela sobre o relógio de bolso antes de eu partir e ela sabe quem Gertrude é. Ela vai acreditar em você. Pode dizer-lhe tudo sobre a minha vida aqui. Diga a ela sobre meus filhos, meu marido, Davina e Agnes, e meu clã. Diga a ela o quanto eu amo e sinto falta dela, mas também o muito feliz que eu sou.

— Eu certamente posso fazer isso. Eu vou encontrá-la. Eu prometo. Mas ao longo dos próximos dias, você precisa me dizer tudo o que puder sobre os seus últimos onze anos. Então, eu vou escrever tudo que me lembrar quando eu chegar em casa. Então eu vou ter muito o que dizer a ela.

Nos próximos onze dias, em meio a todas as celebrações, Anita e Maggie tiveram tempo para ficar sozinhas todos os dias. Anita teve um vislumbre da vida medieval diferente de qualquer coisa que ela poderia aprender em um livro, enquanto Maggie lhe contava sobre sua vida. Mas elas também falaram sobre as coisas em suas vidas no século XXI.

Maggie compartilhou seu passado. Ela relembrou Natais quando ela era pequena. Ela riu sobre concertos escolares, desastres no cozimento de biscoitos e desfiles de Natal.

— Eu não acho que esta temporada nunca passa sem que eu pense sobre *Milagre na Rua 34*, *A Felicidade não Se Compra* ou *O Grinch*. Quando eu era pequena eu sempre imaginei vê-los com meus filhos da maneira que minha mãe e meu pai faziam comigo e Paige.

— Ainda assim, por tudo o que vi, ninguém aqui tem perdido de vista o verdadeiro significado do Natal.

Maggie sorriu.

— Não. Você tem razão nisso. Eu não tinha pensado nisso dessa forma.

Elas também compartilharam seu amor mútuo, os livros de Harry Potter eram um tema que ambas amavam.

— Mas eu não vou te dizer como termina, então não se preocupe em perguntar. — Maggie tinha dito a ela uma tarde.

Os dias entre o Natal e a Epifania voaram, apesar de Anita sentir a tensão do corpo de falho de Agnes mais e mais a cada dia.

A festa final, no dia da Epifania, foi espetacular. Este foi o dia que os Carrs trocaram presentes e parecia muito como o dia de Natal no tempo de Anita. Ela não tinha certeza de como isso tinha acontecido, mas nesses poucos dias, ela tinha chegado a amar cada um deles como se fossem seus próprios e estar com eles deu-lhe alegria. Ela percebeu que iria sentir falta deles. Ela sentiria muita falta deles.

Enquanto Anita adormecia naquela noite, ocorreu-lhe que ela não tinha que partir ainda. Ela poderia ficar para o tempo integral permitido pelo relógio de bolso e ainda voltar para casa na véspera de Natal.

Capítulo 6

Segunda-feira sete de janeiro, 1282.

Castelo Carr

O dia depois da Epifania amanheceu cinza e frio. O vento trazia um frio úmido e a neve molhada começou a cair antes do meio dia. Esta foi à primeira manhã desde que chegou a Escócia medieval que Anita não poderia enfrentar sair da cama de Agnes.

O fogo em sua lareira queimava, aquecendo a câmara tanto quanto possível, mas deixar a cama para usar o penico tinha sido uma experiência miseravelmente fria. Levou pilhas de cobertores e peles para banir o frio. E nada poderia parar as dores de seu corpo. Cada parte doía e era impossível se sentir confortável.

Maggie sentou ao lado de Anita, ajudando-a a comer o quente mingau doce, mas depois de algumas mordidas, Anita sacudiu a cabeça.

— Nããão. Naooo aiss. — Anita falou gaélico uma vez que Freya ainda estava no quarto.

— Está tudo bem, vovó. Talvez você deseje comer mais tarde. Freya pode levar essa bandeja de volta para a cozinha, por favor?

— Sim, minha senhora. Devo voltar em seguida, e sentar-me com Lady Agnes por um tempo?

— Não, eu vou ficar com ela.

Quando Freya partiu e o som de seus passos se afastando desapareceram na distância, Maggie pegou a mão de Anita na dela. As lágrimas encheram seus olhos.

— É hora, não é?

— Hora de ir para casa? Eu... bem...

Na verdade, apesar dos pensamentos da noite passada de ficar mais tempo, Anita queria ir para casa. Ela tinha experimentado coisas maravilhosas aqui, mas ela estava muito cansada esta manhã. Ainda assim, parte dela não estava pronta para partir ainda. Talvez apenas mais um dia ou dois.

— Eu poderia ficar um pouco mais.

— Eu adoraria que você ficasse mais tempo. Eu sei que você não é Agnes. Eu sei que ela está esperando pacificamente para seguir em frente. Você deu a minha família e este clã, para não mencionar Agnes, um presente maravilhoso. Mas de todos, eu acho que talvez eu seja a mais abençoada por sua presença aqui.

É como se eu tivesse um visitante de casa. Eu amo minha vida aqui, mas mesmo que Davina e Logan saibam quem eu sou, eles não conseguem entender como a vida em nosso tempo era. Eu adoraria ser capaz de falar sobre livros e filmes e música com você. Foi um inestimável presente de Natal que eu nunca vou esquecer.

Anita entendeu isso. Não ter nenhum passado em comum deve vir com certa quantidade de solidão. Mas, Maggie era muito parecida com Katy. Anita tinha aprendido a amá-la e a percepção de que ela nunca mais iria vê-la ou ser capaz de falar com ela novamente fez o coração de Anita quebrar.

— Eu não tenho certeza de que estou pronto para deixá-la ainda.

As lágrimas que tinham se acumulado nos olhos de Maggie escorreram pelo seu rosto enquanto ela aumentou seu aperto na mão de Anita.

— E eu não acho que eu nunca vou estar pronta para deixar você. Mas, Anita, os presentes que você nos deu têm feito as suas vítimas.

Uma batida soou na porta. Maggie franziu a testa e limpou as lágrimas em seu rosto.

— Entre.

A porta se abriu e uma mulher idosa em um manto negro entrou.

— *Gertrude*. — Maggie e Anita disseram em uníssono.

Maggie atravessou a sala e abraçou a velha.

Gertrude deu um largo sorriso.

— Bom dia, senhoras. Eu confio que você teve uma temporada de Natal abençoada?

— *Abençoada*? — Anita sorriu o sorriso torto que ela estava ficando acostumado. — Sim, Gertrude, descreve perfeitamente. — Anita suspirou profundamente. Ela estava muito cansada.

Maggie abriu um largo sorriso.

— Obrigada, Gertrude. Obrigada por tudo.

— Foi meu prazer, e eu sou feliz pelas coisas terem corrido bem.

— Nós estávamos falando quando Anita deveria ir para casa. Eu odeio vê-la partir...

— Mas seu tempo acabou.

Maggie sacudiu a cabeça, franzindo a testa.

— Não. Ela chegou à véspera de Natal. Faz apenas catorze dias.

Gertrude acariciou o rosto de Maggie com a mão enrugada.

— Infelizmente, há um relógio diferente correndo. O corpo de Agnes está falhando. Ela teria morrido na véspera de Natal ou dentro de um ou dois dias se Anita, com sua determinação e resistência, não o tivesse feito sua residência. Mas esta concha terrena frágil tem muito pouco tempo restante. O Universo se desenrola como deveria. Despedidas devem ser ditas e Anita precisa dizer sua palavra, enquanto ela pode.

Maggie suspirou e correu para a porta. Ela chamou alguém no corredor.

— Por favor, chame o Laird e Lady Davina. Rápido. Lady Agnes está partindo. — Então ela voltou para a cama. — Antes que qualquer outra pessoa chegue aqui, Anita, obrigada, é muito pouco, mas isso é tudo que tenho. Eu te amo.

— Eu também te amo, menina doce. Cuide de sua família maravilhosa. Eu nunca vou esquecer de você. — Assim que as palavras saíram, ela sabia que só tinha energia para mais uma.

Davina estava lá quase que imediatamente. Ela foi para o lado da cama, pegou a mão de Anita, e sussurrou:

— Obrigado, Anita. Deus esteja com você, sempre.

Logan explodiu no quarto momentos mais tarde, parecendo como se tivesse corrido velozmente de onde tinha estado. Ele se ajoelhou ao lado da cama e colocou os braços ao redor dela.

— Vovó, eu te amo.

Com grande esforço, Anita levantou a mão direita o suficiente para tocar sua bochecha antes de sussurrar:

— *Flamingo*.

~ * ~

Anita engasgou e se sentou. Ela estava em sua própria cama, em seu próprio tempo. Ela era capaz de se mover e a dor com o qual ela viveu por dias havia desaparecido. Ela olhou para o relógio. Embora ela não tivesse certeza do momento exato que ela tinha adormecido, ela sabia que tinha sido logo após a meia-noite. E ainda eram apenas alguns minutos, foi depois de doze horas.

Jim despertou levemente.

— Algo errado?

Anita colocou os braços ao redor dele e o beijou.

— Não. Nada está errado. Eu só tive um sonho. Volte a dormir.

Ele rolou para o lado e em um momento estava roncando alto novamente.

Anita sorriu para ele, saiu da cama e foi ao banheiro. Ela fechou a porta e acendeu a luz.

A luz. Um toque de um botão e o banheiro foi imediatamente iluminado. Luz saltando de todos os acessórios cromados e de porcelana.

E o banheiro. *Oh, você, belo vaso sanitário.* Duas semanas sendo incapaz de controlar suas funções corporais, e mesmo podendo o penico era o único acessório disponível, fizeram o encanamento moderno parecer nada menos que luxuoso.

Ela riu em voz alta quando se virou para olhar para seu próprio reflexo no espelho. Tanta coisa tinha acontecido com ela que quase parecia possível que não aparentava. Ela sentia-se um pouco como ela esperava que Ebenezer Scrooge⁵ tinha se sentido depois de sua noite notável com os fantasmas de Natais Passados, Presente e Futuro. Era quase impossível acreditar que quase nenhum tempo tinha passado e ainda eram apenas as primeiras horas da manhã na véspera de Natal.

⁵ Nota da Tradutora: Ebenezer Scrooge é personagem principal da história Um Conto de Natal, de Charles Dickens.

Tinha sido a experiência mais extraordinária de sua vida, mas como sabia que aconteceria, seu coração já doía por Maggie e o resto dos Carrs.

— Mas eles viveram centenas de anos atrás. Mesmo as crianças, Evan, Malina, Elsaid, Edward e pouco Maretta, já tinham envelhecido e retornado ao pó. — ela disse a seu reflexo. Não. Ela se recusava a pensar dessa maneira. O que Maggie dissera? O tempo não é linear. Isso significava que o tempo pode fazer um loop sobre si mesmo. Eles estão simplesmente em outro lugar. E por falar nisso a Magdalena Mitchel de dezesseis anos de idade, estava enfiada confortavelmente em sua cama, em Nova Jersey, com um Natal maravilhoso à frente dela com seus pais e irmã.

— E você tem um Natal maravilhoso pela frente também. — disse a si mesma, sorrindo ironicamente enquanto ela se lembrava do que tinha dito Gertrude no shopping. — Se ficar sozinha na véspera de Natal é um presente, onde posso devolvê-lo?

Gertrude tinha realmente consertado o Natal, ajustando a perspectiva de Anita sobre as coisas. Tempo com seus filhos e netos não tinha preço, não importa quando eles chegassem.

Anita voltou para a cama. Com o coração e a mente tão cheio de tudo o que ela tinha experimentado, ela estava certa de que ela nunca iria adormecer. Mas, ao contrário, ela adormeceu rapidamente.

Capítulo 7

Quinta-feira, 24 de dezembro, 2008.

Nona Bay, Florida.

Normalmente Anita estaria apenas vagamente consciente do alarme de Jim como o fazia todas as manhãs às seis. Ela costumava dormir até sete e meia ou oito antes de iniciar o seu dia. Mas esta manhã, sua mente estava com os Carrs e mesmo tão cansada, ela teve dificuldade de voltar a dormir depois que o alarme disparou e Jim se vestiu e saiu.

Ainda era difícil acreditar que ela tinha experimentado tudo isso no espaço de segundos na noite passada. Em seguida, seus pensamentos se voltaram para Maggie.

Como Anita desejou poder ir até a garota. Mas Maggie estava certa, a Maggie que ela se tornou ainda não existe e não iria se Anita interferisse. Seu coração doía por saber da dor e perda que estava aguardando pela menina. Mas, como Maggie tinha dito tentar mudar, mesmo que a menor coisa poderia tornar tudo pior e aqueles poucos anos de dor foram um pequeno preço pela vida que ela ganhou.

Eventualmente Anita deve ter cochilado, porque ela acordou com Jim a cutucando. Ela imediatamente acordou.

— O que há de errado? Que horas são? Aconteceu alguma coisa no trabalho?

— Tudo está bem. Eu não estou trabalhando hoje.

— Ontem, no telefone, você disse que tinha que trabalhar hoje.

— Não, eu disse, se nós não conseguíssemos arrumar as coisas classificadas teríamos que trabalhar até tarde hoje. Mas, ficamos um pouco mais tarde de ontem para que pudéssemos chegar a um ponto de parada. Eu dei a equipe o dia de folga hoje. Nós não começaremos novamente até segunda-feira.

— Uau. Isso é ótimo. — Havia muitos anos, anos quando as crianças eram pequenas e havia cargas para fazer, que ter Jim em casa o dia todo na véspera de Natal teria sido um salva-vidas. — Mas espere um minuto, você se levantou e saiu. Onde você foi?

— Eu tinha algumas coisas para fazer.

Ela sorriu. Ele era famoso por esperar até o último minuto para conseguir os presentes de Natal.

— Você foi fazer compras às seis e meia? Eu acho que é uma maneira de vencer as multidões. Ainda assim, não pode ter tido muita coisa aberta.

— As lojas que eu precisava estavam aberta esta manhã.

— Então, você acabou? Ou você tem que fazer compras ainda?

— Eu não tenho compras, mas eu tenho planos para o dia.

— Tudo bem. Tudo está quase concluído aqui, então pode ir fazer o que você planejou. Acho que vou fazer a sopa de caranguejo, em seguida, assistir a filmes de Natal e crochê.

— Não vai funcionar. Meus planos te envolvem.

— Eles envolvem? — Ela se sentou na cama, esperando para ouvi-los.

Ele sorriu.

— Sim, eles fazem.

— Você vai me dizer o que são?

— Ainda não. Café da manhã em primeiro lugar.

— Ok, eu vou fazer os ovos.

— Não, não vai. Peguei suco de laranja, baguetes, cream cheese e salmão defumado esta manhã.

Anita sorriu.

— Isso é bom. — Jim amava baguetes e salmão. Não era o seu favorito, mas ela gostava bastante também.

Ele sorriu.

— Eu tenho cream cheese de morango também.

— Agora isso soa perfeito.

Quando eles tinham comido os baguetes e Jim terminava seu café, Anita se levantou, inclinou-se e beijou-o.

— Obrigado pelo suco de laranja e baguetes, meu amor, eles foram uma surpresa muito agradável. — Ela levou os pratos sujos para a pia.

Ele balançou as sobrancelhas.

— Isso é apenas o começo.

— Então, o que vem como próximo na sua agenda?

— Vá colocar um maiô.

— Por quê?

— Parece que o tempo vai ser ótimo hoje. Nós estamos indo para a praia.

Anita ficou boquiaberta.

— A praia? Você não gosta da praia.

— Isso não é verdade. Eu não gosto de estar na praia durante horas sem fazer nada. Mas eu gosto de caminhar na praia com você, e eu gosto de pescar, enquanto você relaxa na praia e lê. Já tem um tempo desde que pegamos o barco. Pensei em ir para Cayo Costa passar o dia.

— Você está brincando. — Cayo Costa era uma ilha parque estadual acessível somente por barco e era um dos lugares favoritos de Anita. Mas mesmo que eles vivessem em um canal com acesso ao Golfo, o barco passava muito mais tempo no elevador do que na água. Eles sempre pareciam muito ocupados.

— Eu não estou brincando. O tempo está perfeito. Peguei sanduíches, lanches e bebidas no Publix e eu já os coloquei no refrigerador, a bordo. As toalhas, cadeiras, guarda-chuva e varas de pesca estão todos arrumados também. Tudo que você tem a fazer é se colocar em um maiô, pegar um chapéu e entrar no barco.

— OK. Eu só preciso voltar a tempo para fazer a sopa de caranguejo antes de ir à Missa.

— Não, você não precisa.

— Mas sempre temos sopa de caranguejo e lanches depois da missa na véspera de Natal.

— Nós não temos sempre.

— Claro que temos, é nossa tradição.

Ele se levantou, atravessou a cozinha e tomou-lhe as mãos.

— Anita, não foi *sempre* nossa tradição. Quando seus pais ainda estavam vivos, antes que nós tivéssemos filhos, mesmo antes de nos casarmos, nós saímos para jantar com eles na véspera de Natal e então íamos para a Missa da noite. Mas quando Jack era uma criança paramos com isso. Íamos a Missa mais cedo e, em seguida, para a casa de seus pais

para o jantar. Então, depois de alguns anos, você pensou que arrumar a ceia da véspera de Natal e o jantar do Dia de Natal era demais para sua mãe. Ela ainda queria ter todos no dia de Natal, então começamos a tê-los em nossa casa na véspera de Natal. Acho que a primeira vez que você fez a sopa de caranguejo foi quando Katy estava com três ou quatro anos. Ambas as crianças adoraram e Jack pediu-o novamente no próximo ano. *Foi assim* que se tornou uma tradição.

— Ok, isso nem *sempre* tem sido uma tradição, mas tem sido durante os últimos vinte e três anos mais ou menos. E você ama sopa de caranguejo.

— Eu sei. Mas as coisas são diferentes este ano. O fato é que o modo como temos celebrado o Natal mudou assim como nossas vidas tem mudado. Mesmo nos últimos vinte e três anos. — Ele piscou para ela. — Desde que tivemos a sopa de caranguejo cada véspera de Natal, coisas sutis mudaram ao longo do caminho. As crianças cresceram e nós adicionamos um vinho agradável para jantar. Perdemos sua mãe e começamos a ter, tanto véspera de Natal quanto o dia de Natal em nossa casa. Perdemos o seu pai e não éramos mais de três gerações. Então Jack e Erica tiveram a Lucy e nos tornamos três gerações de novo. — Ele sorriu. — E Papai Noel começou a visitar novamente, só que ele parecia muito comigo do que com seu pai.

Ela riu.

Ele se aproximou, reunindo-a em seus braços.

— A constante não foi à comida servida ou as coisas que fizemos na véspera de Natal. Não era a presença de seus pais, nossos filhos ou nossos netos. A tradição, a única tradição que nós tivemos desde antes de nos casarmos, foi passarmos o Natal juntos. Você e eu. Cada passo do caminho desde antes do nosso casamento, através de bons e maus momentos, nós tivemos um ao outro e nós ainda temos. Tivemos trinta Natais com nossos filhos e iremos ter mais. Mas agora temos de voltar um para o outro, onde começamos. Nós somos o constante em tudo isso e seremos pelos próximos anos, se Deus quiser. E mesmo quando o inevitável acontecer, ainda teremos muito um dos outros em nossos corações que nunca será realmente separado.

Ela aninhou a cabeça contra seu peito enquanto as lágrimas caíram por suas bochechas. Ele estava certo. A vida evoluiu, mas eles tinham um ao outro em tudo isso.

— Eu amo você, Jim.

Ele beijou o topo de sua cabeça.

— Eu também te amo. — Depois de um momento, ele deu um passo para trás e ela enxugou as lágrimas do rosto.

Ele sorriu.

— Agora, vamos iniciar novas tradições.

~ * ~

Foi um dia espetacular. A temperatura atingiu acima de 25 graus, a umidade estava baixa e o céu era um azul celeste profundo de horizonte a horizonte. Algumas nuvens cheias apareceram no início da tarde. Quando a brisa chegou e tornou-se um pouco nublado no final da tarde, eles fizeram as malas e voltaram para casa.

Depois que eles guardaram tudo e o barco estava no elevador e tinha sido guardado, Anita olhou para o relógio.

— Perdemos a Missa de Natal na nossa paróquia. Vou olhar e ver quem tem uma mais tarde.

— Não. Temos reservas para o jantar às seis e meia. Você tem apenas o tempo suficiente para tomar banho e se vestir.

— Reservas para o jantar também? — Era realmente raro Jim ter a ideia de comer fora, especialmente durante a temporada de pássaro de neve⁶ quando tudo estava lotado.

⁶ Nota da tradutora: Snow-bird Season – é a migração de cidadãos em direção ao sul para o inverno, e que parece com pássaros voando para o sul no inverno, em direção a climas mais quentes.

— Eu pensei que poderia ser legal. Após o jantar, podemos voltar para casa, colocar os pés para cima, tomar uma bebida e talvez assistir a um filme... ou algo assim.

— Você está planejando para ir a uma Missa da meia-noite em algum lugar?

— Não. Eu pretendo estar na cama à meia-noite. Pensei que poderíamos ter um agradável café da manhã na parte da manhã, ir para a última Missa e, em seguida, fazer uma panela de sopa de caranguejo quando chegarmos a casa.

— Sopa de caranguejo para o jantar de Natal?

— Por que não? Eu estive pensando sobre isso. O voo de Jack e Erica está para chegar às quatro. Com pegar as bagagens e tudo mais, vai ser quase cinco quando chegarmos a casa. As crianças vão estar cansadas. Vamos apenas tratá-lo como costumávamos fazer na véspera de Natal... uma ceia leve, um presente dos elfos para as crianças e ir para cama cedo. Podemos deixar presentes e carne assada para o dia seguinte. Dessa forma, Katy terá a certeza de estar aqui.

Anita ficou boquiaberta. Ele tinha cada detalhe planejado.

— Há quanto tempo você esteve pensando sobre isso? Desde que Jack disse que eles não estariam aqui até o dia de Natal?

Ele riu e puxou-a para um abraço.

— Não, meu amor. Quando liguei ontem era apenas para perguntar se você queria que eu fosse direto para o aeroporto para pegar Katy, ou se você queria que passasse para pegar você primeiro. Mas eu sabia que você estava realmente chateada com isso, então eu tomei a decisão de comando. Eu disse que estava trabalhando até tarde, então assim que eu desliguei o telefone, eu falei com a equipe. Houve alguns resmungos até que eu lhes disse que todos nós poderíamos ter véspera de Natal para nós, se trabalhássemos mais algumas horas da noite. Eu não queria que você estivesse sozinha hoje.

— E foi quando você decidiu fazer tudo isso?

— Será que isso soa como eu?

— Não.

Ele riu.

— Menina esperta. Eu esqueci de desligar o meu alarme na noite passada. Quando disparou, eu decidi me levantar e ir buscar baguetes. Então, no meu caminho de volta da loja de baguetes, eu passei pelo Publix e me lembrei de como seria divertido fazer um piquenique no barco, então parei para comprar sanduiches. Era estritamente um plano não planejado.

— Quando você fez as reservas para o jantar?

— Quando você estava se vestindo com seu maiô.

— E a ideia de empurrar as coisas por dia? A sopa de caranguejo amanhã e o jantar de Natal no dia seguinte?

— Bem, eu admito, eu tive essa ideia semanas atrás. Mas eu imaginei que ia esperar até que Katy estar aqui para propor.

Eles foram jantar em seu restaurante italiano favorito e foi maravilhoso como sempre. Quando chegaram a casa depois do jantar, Anita ligou as luzes da árvore e acendeu algumas velas enquanto Jim ocupou-se na cozinha.

Anita chamou,

— Que filme você quer assistir?

— *O Natal de Charlie Brown*.

— Você está brincando.

— Não. Eu gosto. Eu provavelmente tinha quinze ou dezesseis anos, quando ele foi lançado e eu pensei que eu era velho demais para isso. Então eu acho que a primeira vez que eu realmente assisti foi quando Jack era pequeno.

— OK. Nós temos o DVD aqui em algum lugar.

Ela o encontrou e o colocou no leitor.

Ele entrou na sala família com copos de vidro cheios de um líquido marrom.

— O que há nos copos?

— Outra nova tradição. Em vez de cidra temperada quente ou ponche, bebidas que nós sempre fazemos apesar do tempo quente, eu acabei de inventar uma bebida Natalina apropriada para nossa latitude. Vou chamá-lo de *cidra da Florida temperada*. Eu adocei a cidra fresca com molho de caramelo e acrescentei uma pitada de suco de laranja.

— Onde é que o tempero entra?

— Isso seria um *shot* saudável de rum temperado. — Ele beijou-a e entregou-lhe uma das bebidas.

Anita riu.

— Parece delicioso.

Eles se enrolaram juntos no sofá e ela apertou “play” no controle remoto.

— Acho que faz anos que vi isso.

— Querida, eu acho que as crianças assistem isso todas as vésperas de Natal.

— Eu sei que tem estado ligado. Eu só não acho que eu tenha parado e sentado para assisti-lo em anos.

— Isso é porque você estava muito ocupada fazendo sopa de caranguejo.

Anita fez uma careta. Ele não estava sendo crítico, mas era verdade. Parte da “Noite de Natal tradicional” era o turbilhão de trabalho que ela tinha para preparar tudo.

Ela não costumava se sentar e relaxar até que os pratos estavam prontos e ela estava geralmente muito exausta no momento em que caía na cama. Era o tipo bom de exaustão. O tipo que alguém sente quando eles conseguiam uma conquista e estava ao mesmo tempo feliz e orgulhoso com os resultados. Mas, ainda assim, era exaustivo.

Ela pensou sobre as comemorações medievais com os Carrs. Claro que tinha sido requerida uma quantidade enorme de trabalho para se preparar para eles.

Ela suspeitava que se Lady Agnes não estivesse enferma, ela também teria se envolvido em tudo, fazendo o que podia. Foi só por causa do acidente vascular cerebral que Anita, como Lady Agnes, pode descansar e aproveitar tudo. Maggie e Davina tinham conseguido tempo longe do trabalho, para *fazer memórias*.

Foi apenas ao parar e absorver tudo o que acontecia ao redor que eles puderam fazer memórias. Talvez fosse por isso que muitas das memórias de Anita, as coisas que ela achava que eram as tradições importantes eram as coisas que ela fez *para* a família, em vez de *com* a família.

Mas não era assar biscoitos ou fazer sopa de caranguejo ou colocar o jantar de Natal em cima da mesa que tinha sido a parte mais importante de suas tradições. Olhando para trás agora, ela percebeu, suas memórias mais queridas eram do tempo que ela passou com sua família. A data no calendário realmente não importa. Eles teriam muitos mais momentos maravilhosos juntos.

Ela tomou um gole de sua bebida e assistiu Charlie Brown com Jim. Ela teve que sorrir quando se viu muito em Lucy van Pelt.

E então, Linus falou, recitando a história do Natal, e lembrou-se de se aconchegar no sofá e assisti-lo com Jack e Katy quando eram pequenos. Mais precisamente, ela se lembrou de vê-los o assistindo.

As expressões em seus rostos quando Linus falou no auditório silencioso. A fofura indescritível, quando eles eram um pouco mais velhos e imitavam os cantores, com os olhos fechados, lábios em forma de um “O” perfeito, tomando uma respiração exagerada no final de cada frase. Memórias no seu melhor.

Essa era a coisa sobre como fazer memórias: alguém tinha que estar lá, no presente, absorvendo tudo.

Quando a gangue dos Peanuts gritou: “Feliz Natal, Charlie Brown”, Jim beijou sua cabeça e sussurrou:

— Feliz Natal, Anita.

— Feliz Natal, Jim. — Ela levantou o copo quase vazio. — E aqui brindamos a novas tradições e fazer novas memórias.

— Aqui, sim. — Ele tocou sua taça contra a dela antes de terminar de bebê-la.

— É cedo ainda. Você quer assistir outro filme?

— Não. Há uma outra nova tradição que eu quero tentar. — Ele se levantou, caminhou até a árvore, tirou um pacote de debaixo dela, e trouxe-o para ela. — É um presente de elfo.

Anita riu.

— Presentes de elfo não são uma nova tradição. — Os elfos passavam pela casa toda véspera de Natal, enquanto eles estavam na Missa, e deixavam um presente para cada criança. Curiosamente, os presentes eram sempre novos pijamas que já tinham sido lavados uma vez

e estavam prontos a usar. Uma vez que as crianças cresceram, os elfos começaram a deixar algo para a mãe e o pai também. Chinelos, roupões ou até mesmo camisetas eram comuns.

Jim assentiu, parecendo muito sério.

— Bem, tecnicamente sim, mas este ano o presente é para nós dois de um elfo muito travesso. — Ele entregou-lhe o pacote. — Mas você pode desembulhar.

Curiosa, Anita rasgou o papel, abriu a caixa e começou a rir. Ela tirou um babydoll vermelho sexy, profundo.

— Bonito, querido. Mas não há nada na caixa para você.

— Oh, eu tenho que discordar. Você vai colocar isso, e então eu começo a desembulhar o meu presente.

Anita sorriu.

— Você está certo. — Ela se dirigiu para o quarto, chamando por cima do ombro. — Eu vou estar pronta quando você desligar as luzes e soprar as velas.

Despiu-se rapidamente e puxou a camisola. Ela estava realmente surpresa. Ela havia comprado coisas como esta antes. Normalmente, se ela conseguia encontrar qualquer coisa em tamanhos mais generosos, que não parecessem bobos com ela. Esta peça foi bem-feita e confeccionada para caber em uma figura mais cheia. Olhou-se no espelho e realmente gostou da maneira que parecia.

No reflexo do espelho, ela viu a porta do quarto abrir.

Jim estava lá, segurando uma das velas ainda acesas.

— Agora isso é o que eu estou falando. — Ele apagou a luz e caminhou até ela, colocando a vela sobre a cômoda antes de envolver seus braços em volta dela.

Ela continuou a olhar no espelho.

— É bonito. Eu gosto disso.

Beijou-a atrás da orelha. O punhado de cabelos grisalhos de Jim brilhou prata na luz bruxuleante. Ele passou as mãos levemente sobre a barriga e até seus seios, colocando-os em suas mãos. Ele beijou o seu caminho até o ombro.

— Você é bonita. Eu gosto de você.

Ela riu, girando em seus braços para encará-lo.

— Bem, sua visão não é o que costumava ser.

— Minha vista é perfeita. — Ele golpeou seu traseiro levemente antes colocar uma mão sobre cada bochecha puxando-a para perto. Sua boca inclinou sobre a dela, beijando-a, levemente no início, em seguida, profundamente e com urgência, como se ele não pudesse ter o suficiente.

Ela fechou os olhos, varrida por seu beijo. Ela adorava isso. Ela sempre adorou.

Seus beijos passaram para suas têmporas, seus olhos, sua garganta. Ele empurrou o tecido de seda de lado e abaixou a cabeça para um dos seios, beijando, chupando, mordendo. Era como se a eletricidade disparasse através dela, inflamando seu desejo.

— Eu estou pronto para desembulhar o meu presente agora — disse ele, a voz baixa e rouca de desejo.

Ela puxou sua cabeça para trás para o rosto dela, beijando os lábios, em seguida, sussurrando:

— Eu tenho um pouco mais de desembulhar para fazer primeiro. — Ela deslizou as mãos sob a camisa, esfregando-os sobre o peito por um momento antes de levantar a camisa para cima e puxá-la sobre sua cabeça.

Ele tirou os sapatos enquanto ela soltou o cinto. Ela pregou seus polegares na cintura, empurrando-o para baixo e sobre seus quadris. Ele chutou para fora da calça antes de capturar sua boca em outro beijo comovente. Ele deu beijos sobre o rosto e para baixo em seu pescoço enquanto ele a empurrou, muito lentamente, em direção à cama. Suas mãos correram levemente pelas costas até chegar à bainha do vestido curto. Então, assim como ela tinha, ele deslizou as mãos sob o vestuário e até seus lados, puxando-o. Em um instante passou por sobre sua cabeça e foi descartado com suas roupas no chão.

Anita se deitou na cama, deslizando para o centro e estendendo a mão para ele.

Ele estalou.

— Eu mal desembulhei meu presente. Eu quero jogar por um tempo. — Ele fez um movimento circular com uma mão. — Vire.

Anita o fez, abraçando vários travesseiros em direção ao peito e virando a cabeça para um lado. Ela fechou os olhos.

Ele afastou-se da cama por um momento, então ela sentiu a cama afundar sob seu peso quando ele se ajoelhou ao lado dela. Ele se inclinou sobre ela e beijou seu pescoço, em seguida, esfregou atrás da orelha, fazendo-a rir. Ele deu uma risada gutural e plantou beijos lenta e deliberadamente pelas costas até que chegou ao local ultrasensível na base de sua espinha.

Ajoelhou-se novamente. Houve o barulho inconfundível de loção sendo espremida de um tubo, sendo seguido por Jim esfregando as mãos. Um momento depois, ele começou a esfregar a loção em suas costas e ela estava no paraíso. A pele áspera de suas mãos combinadas com a pressão suave não poderia ser copiada pelo massagista mais qualificado.

Suas mãos deslizaram sob seus braços, passando na borda de seus seios antes de retornar a suas costas. Ele massageou seu caminho para baixo sobre a base de sua coluna e em suas costas. Ele massageou suas nádegas e coxas, seus dedos polegares circulando cada vez mais profundo, e mais perto de seu núcleo. Quando ela estava ofegante com necessidade, ele a ajudou se virar.

Ele massageou e beijou seus seios, mordiscando primeiro um e depois o outro.

— Eu amo estes. Você tem seios lindos.

— Eles não são o que costumava ser.

— Graças a Deus por isso. — Sobre o questionamento em seu cenho franzido, ele acrescentou. — Se eles fossem isso, significaria que você não é uma mãe e não teríamos filhos.

— Ou que eu tenho um bom cirurgião plástico.

Ele roçou os polegares sobre os mamilos, enrijecendo-os antes de dar-lhes um leve aperto, provocando um suspiro surpreso.

— Eu prefiro-os assim. Suave e sensível.

Ele beijou seu caminho para baixo de sua barriga, movendo-se entre suas pernas. Não houve palavras entre eles. Elas tinham se tornado desnecessários anos atrás. Quando ela chegou ao ponto em que ela não aguentou mais, ele levantou-se de joelhos e deslizou seu comprimento

quente dentro dela. Ele começou a se mover dentro dela, a princípio dolorosamente lento. Levantou-se para encontrá-lo, empurrando-o para conduzir mais e mais rápido. Em um momento, ou talvez uma eternidade, ela foi superada com as ondas trêmulas de seu clímax. Os músculos em seu núcleo contraíram repetidamente em torno dele até que ela sentiu o calor de sua semente a enchia.

Deitaram assim, conectados, nos braços um do outro como eles tinham feito tantas vezes. Foi lindo e perfeito. Ela adorava este homem que conhecia cada pequeno detalhe sobre ela. Ele tinha razão. Eles, os dois, eram a constante em um mundo que iria continuar a mudar ao seu redor.

Capítulo 8

23 de dezembro de 2014

Hamilton, New Jersey.

Havia se passado seis anos desde que Gertrude tinha incentivado Anita a olhar as coisas de uma perspectiva diferente e pediu-lhe para ajudar uma mulher idosa e sua família a terem um último Natal juntos. Aqueles tinham sido os mais memoráveis catorze dias, ou melhor, quatorze segundos, da vida de Anita. E aquele Natal, aquele que ela acreditava que havia sido arruinado, tinha sido igualmente memorável.

Jack tinha chegado, como planejado, no final da tarde no dia de Natal. Um jantar leve e uma noite tranquila era exatamente o que sua pequena família necessitava.

Katy ligou naquela manhã para desejar-lhes um Feliz Natal e dizer-lhes que não conseguira reservar o voo da Filadélfia no Natal.

— Eu estou tentando um voo direto amanhã de manhã, mas se isso não der certo eu posso pegar um mais tarde que faça conexão em Chicago. Com toda a certeza estarei aí na hora do jantar, contanto que vocês não comam cedo.

Mas, um pouco depois das sete da noite, no Natal, ela chegou com seu noivo, Anthony Soldani.

Anita mal podia acreditar. Depois de todos se abraçarem ela disse:

— Eu pensava que você não conseguira um único assento no voo de hoje, muito menos dois. O que aconteceu?

Katy sorriu amplamente.

— Bem, a cunhada de Anthony, a esposa de seu irmão mais velho, me ouviu falando com você ao telefone, e aparentemente fez algumas ligações. No momento em que sentamos para jantar nesta tarde, ela tinha conseguido para nós um *jato particular*.

Jim fez uma careta.

— Você está brincando. Quem consegue um jato particular no Natal?

Anthony riu.

— Minha cunhada, Elizabeth. Ela vem de uma família bastante rica. Katy deu de ombros.

— Eu lhe disse que não queria tirar o piloto de sua família hoje. Ela apenas riu e disse que ele imediatamente aproveitou a chance quando ele descobriu que podia nos trazer e ter alguns dias em um resort na praia, como um presente surpresa de Natal.

Sim, aquele havia sido um Natal surpreendente. Mas então, desde aquele dia, cada Natal tem sido extraordinário em sua própria maneira, Anita garantiu isso. Ela mergulhou plenamente em cada celebração, e saboreou a alegria ao seu redor, independente de onde ela estava e com quem ela estava.

Quando a temporada passou naquele ano, todo mundo tinha ido para casa e as decorações foram colocadas de lado. Anita percebeu que as memórias, mesmo as melhores, poderiam ser curtas.

Mesmo agora, dias antes, as coisas estavam desaparecendo um pouco. Ela fizera uma promessa a Maggie e não iria cumpri-la se se permitisse esquecer alguma coisa.

Anita passou dias escrevendo cada um dos detalhes que ela conseguia se lembrar de seu tempo como Agnes.

Mesmo depois de ter acabado com a maior parte disso, se algo acontecesse ao seu redor ela se recordava de um momento que ela não tinha anotado, ela apenas o anotava e o adicionava ao livro de memórias. Tinha sido um trabalho de amor por uma jovem mulher que estaria em seu coração para sempre.

Como resultado, suas memórias daqueles catorze dias permaneciam vivas e recentes.

Mas Anita não guardou o livro de memórias quando ela o terminou. Ela o manteve na gaveta em sua mesa de cabeceira para que ela pudesse lê-lo de vez em quando. Na verdade ela o lia muitas vezes. Ela o pegava e se enrolava com ele em dias chuvosos.

Quando a vida parecia estar correndo, ela dava um passo para trás e revisava as memórias. As palavras despertavam cada momento de ternura para ela. Ela estava conectada novamente através dos suspiros, barulhos e até mesmo pelos cheiros que ela, amorosamente, gravara.

Ao longo dos anos ela sorriu para uma das primeiras frases que tinha escrito: *Eu gostaria de poder ter tido uma câmera*. Fotos teriam sido legais, mas colocas as memórias em palavras, mesmo se levassem milhares, tinha servido ao seu propósito.

O livro de memória tinha se tornado uma nova, e privada, tradição. Em algum momento, durante a semana antes do Natal, ela encontrava um momento, sozinha e sem interrupções, quando ela pudesse ler e saboreá-lo novamente.

Alguns anos antes, ela havia cochilado enquanto lia em sua cadeira. Ela acordou e encontrou Jim perto dela, lendo as páginas que haviam escorregado de sua mão.

Oh, meu Deus. Ela nunca havia lhe dito sobre sua experiência com o relógio de bolso.

— Uau, Anita, essa é uma grande estória. Você o escreveu?

Estória? Ok, podemos ir com isso.

— Uh, sim. Não é nada, realmente. Eu só estava me divertindo um pouco.

— Eu acho que está bom. Você pode ter algo aqui. Talvez você pudesse até publicá-lo.

Anita riu.

— Eu duvido, mas vou manter isso em mente.

Assim, pelos últimos seis anos, ela manteve as memórias vivas e recentes para que um dia ela pudesse dizer tudo à irmã de Maggie. Anita também manteve a promessa de nunca procurar Magdalena Mitchell. Oh, ela pesquisou por ela.

Com a internet sendo o que é ela sabia quando Maggie se graduou e foi para a escola de enfermagem. Ela sabia quando a mãe de Maggie, Elise, morreu.

Estranhamente a vida deixara Anita cada vez mais perto dos Mitchells. Acabou que o irmão mais jovem de Anthony, Luke, ensinou no Colégio Católico onde Maggie estudava. Em fato, Luke tinha sido um de seus professores. Mesmo assim, Anita nunca foi até ela.

Agora, no entanto, tudo estava preste a mudar. No início deste ano, no vigésimo segundo dia de junho, Magdalena Mitchell faleceu de repente

no meio da noite. Tinha chegado o momento de compartilhar a vida de Maggie com sua irmã.

O problema era Anita nunca tinha imaginado como poderia fazer isso. Imediatamente após o funeral parecia à hora errada. Mas quando seria o momento certo para entrar em contato com um desconhecido, e dizer-lhe algo assim?

Então, Katy, Anthony e seus três filhos vieram de visita para a Ação de Graças e Katy perguntou:

— Mãe, o que você acha de você e papai virem para Nova Jersey para o Natal? Jack pode ir com a família, na véspera ou no Natal. Vai ser divertido. Seu primeiro Natal branco.

Anita sorriu. Seu primeiro Natal branco tinha sido no castelo de Carr, na Escócia, no ano de 1281. E nesse instante ela soube que era o momento certo e uma oportunidade iria se apresentar enquanto ela estivesse em Nova Jersey para o Natal.

Era o domingo antes do Natal. Anita e Jim tinham ido à missa com Katy, Anthony e seus filhos. A maioria da família de Anthony vivia próxima e foram para a mesma igreja. Mesmo que tomassem vários bancos da igreja, eles se sentaram juntos.

Depois da missa, uma jovem moça parou o irmão de Anthony, Luke.

— Olá, Sr. Soldani, é bom vê-lo.

— Paige, é bom lhe ver também. — ele abriu os braços e lhe deu um abraço. — Como estão as coisas?

— Bem. Você sabe, eu sinto falta de Maggie. — lágrimas brotaram em seus olhos. — Mas no fundo, eu sei que ela está em um bom lugar. É apenas difícil nesse momento. É mais fácil na universidade. É bastante solitário aqui.

Anita mal podia acreditar no que ouvia.

— Tenho certeza de que é. Ouça, nós estamos celebrando o aniversário de Angie esta noite na casa de minha mãe e pai.

Paige sorriu.

— Angie era meu parceiro de primeira comunhão.

— Seu o que?

— Meu parceiro de primeira comunhão. Você sabe, eles juntam um aluno da oitava série em seu ano de conclusão com uma criança que está preste a fazer sua primeira comunhão? E fazemos coisas religiosas juntos?

— Ei, isso mesmo. Eu esqueci que eles faziam isso. Eu acredito que um dos meninos dos Denvers foi meu. De qualquer forma, por que você não vem para o jantar?

— Obrigada, mas eu provavelmente não deveria. Eu não sei o que papai está fazendo.

— Tolice. Traga-o também. É um momento difícil. Eu vou avisar a mamãe que vocês estão vindo.

Anita sorriu. Como Gertrude dissera pouco antes de Anita abandonar o século XIII, o universo se desenrola como deve.

Após um jantar com a melhor lasanha que Anita havia comido, ela disse:

— Natalie, o jantar foi fantástico, como sempre. E como *sempre*, eu comi de mais. Você não se importa se eu for caminhar um pouco para a minha digestão, não é?

— De modo algum.

Antes que alguém pudesse se oferecer para ir com ela, Anita virou-se para Paige.

— Você vive nessas vizinhanças, não é Paige? Quer me acompanhar para ter certeza de que não vou me perder?

— Claro, Sra. Lewis. Eu comi de mais também. É difícil quando é algo tão delicioso. Venho vivido de comida de faculdade nos últimos meses.

Elas não tinham andado muito quando Anita disse:

— Paige, acho que eu e você temos um amigo em comum.

— Temos? Eu não acho que conheça alguém na Flórida.

— Ela não é da Flórida. Pelo menos eu não acho que ela seja. O nome dela é Gertrude.

Paige parou e olhou para Anita.

— Gertrude? A Gertrude do relógio de bolso?

— Ela é a mesma.

— Como você a conhece?

— Ela me deu o relógio de bolso há alguns anos atrás. Seis, para ser preciso.

— Você o usou e voltou?

— Sim.

— Eu acho que você sabe que ela o deu para minha irmã.

Anita assentiu.

Paige sacudiu a cabeça.

— Maggie se recusou a acreditar que isso funcionaria. De alguma forma, eu sabia... eu apenas sabia, que ia funcionar. — Paige olhou para baixo. — Eu disse a ela que se ela se apaixonasse ela deveria ficar, e ela ficou. Deus, eu sinto falta dela, mas depois que Maggie morreu, Gertrude me disse que ela havia se apaixonado e estava muito feliz.

— Bem, minha doce menina, ela está muito feliz realmente.

— Você a conheceu? — o tom de Paige era incrédulo. — Quando você voltou? — antes que Anita pudesse responder, o rosto de Paige caiu. — Mas você não pode ter. Ela partiu em junho. Você disse que usou o relógio seis anos atrás.

— Não é assim que a viagem no tempo funciona, e eu realmente a conheci. Passei um dos mais maravilhosos Natais de minha vida, com ela há seis anos atrás no ano de 1281.

Alegria iluminou o rosto de Paige.

— Você fez? E ela tem uma boa vida?

— Usando as palavras dela, ela está loucamente feliz. Ela queria que eu lhe encontrasse e contasse sobre sua vida e sua família. Quando voltei, eu escrevi tudo, cada detalhe, para que você possa tê-lo. — Anita tirou uma cópia de suas memórias para de dentro de seu casaco. — Aqui está. É meu presente de Natal para você.

Paige o pegou em suas mãos e o olhou como se fosse uma peça inestimável de arte.

— Isto é incrível e inacreditável. Obrigada. Muito obrigada. — As sobrancelhas de Paige se juntaram. — Mas por que você esperou tanto tempo? Você poderia ter... você poderia ter...

— Não, eu não poderia e todas as razões estão aí. O meu número de celular e endereço de e-mail estão aí também. É melhor que você o leia

antes, mas então, eu irei conversar com você quantas vezes e por quanto tempo você desejar.

— Obrigada, Sra. Lewis. Eu não sei o que dizer. — as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

Anita a puxou para um abraço. Ela sentiu o amor correndo por ela. O amor de Maggie, o amor de Agnes e seu próprio amor por Maggie, Agnes e agora Paige. Ela também sabia, sem sombra de dúvidas, que ela tinha uma última missão relacionada ao relógio de bolso, e que esta iria durar o tempo que vivesse.

Maggie a enviara para Paige, não apenas para esse momento, mas para ser uma presença amorosa para sempre.

— Não necessita dizer nada, querida. Feliz Natal.

Paige a abraçou de volta.

— Feliz Natal.

Fim

Sobre o autor

Ceci começou sua carreira como uma enfermeira de oncologia em um hospital referência em pesquisas, e eventualmente ela se tornou uma escritora médica bem-sucedida. Em 1991 ela se casou com um jovem carpinteiro irlandês que ela conheceu quando seu irmão se casou com sua amiga querida. Eles criaram sua família no centro de Nova Jersey, mas agora vivem com seus cães e pássaros no paraíso, também conhecido como o sudoeste da Flórida. Ela recentemente se aposentou da indústria farmacêutica e, finalmente, é capaz de dedicar muito do seu tempo a escrever finais “felizes para sempre”.

Seu best-seller, a série *Duncurra*, *Highland Solution*, *Highland Courage* e *Highland Intrigue* estão disponíveis como e-books, audiobooks e livros de bolso. Há também versões inspiradoras de cada um destes que fecha a porta do quarto. Ceci irá continuar esta série em um futuro próximo.

A série *Fated Hearts* começa com novela de Ceci, *Highland Revenge* (originalmente aparecendo em *Highland Winds*, *The Scrolls of Cridhe* – Volume 1) e continua em *Highland Echoes* e *Highland Angels*.